



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CAMPUS CHAPECÓ

CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

EDUARDA NATALIA BATTISTELLA DE ALBUQUERQUE

**OS PRAZERES DA CARNE: O ONANISMO ENTRE OS DISCURSOS MÉDICO E
RELIGIOSO NOS SÉCULOS XVIII E XIX**

CHAPECÓ

2020

EDUARDA NATALIA BATTISTELLA DE ALBUQUERQUE

**OS PRAZERES DA CARNE: O ONANISMO ENTRE OS DISCURSOS MÉDICO E
RELIGIOSO NOS SÉCULOS XVIII E XIX**

Trabalho de conclusão do curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção do grau de
Licenciado em História da Universidade Federal da
Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Délcio Marquetti

CHAPECÓ

2020

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Albuquerque, Eduarda Natalia Battistella de
OS PRAZERES DA CARNE: O ONANISMO ENTRE OS DISCURSOS
MÉDICO E RELIGIOSO NOS SÉCULOS XVIII E XIX / Eduarda
Natalia Battistella de Albuquerque. -- 2020.
78 f.:il.

Orientador: Doutor Délcio Marquetti

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em História, Chapecó, SC, 2020.

1. História. 2. Onanismo. 3. Medicina. 4. Religião.
I. Marquetti, Délcio, orient. II. Universidade Federal
da Fronteira Sul. III. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA - LICENCIATURA
Rodovia SC - 484, Km 02, Bairro Fronteira Sul, Chapecó-SC CEP 89815-899, 2049-6426
historia.ch@uffs.edu.br, www.uffs.edu.br

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Aos 21 dias do mês de dezembro de 2020, via *webex* <https://uffs.webex.com/uffs/j.phpMTID=m4c3afe8327996796b7112b99edb6f31e> pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) *campus* Chapecó, reuniu-se a banca avaliadora da monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História constituída pelos(as) professores(as): **Professor(a) Orientador(a) Prof. Dr Délcio Marquetti, Professor(a) Prof. Dr. Ricardo Machado (UFFS) e Professor(a) Avaliador(a) Prof. Dr. Carina Sartori (Pesquisadora associada à Biblioteca Nacional da França)**. O Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História - Licenciatura – elaborado pelo(a) acadêmico(a) **EDUARDA NATALIA BATTISTELLA DE ALBUQUERQUE** sob o título: "*OS PRAZERES DA CARNE: O ONANISMO ENTRE OS DISCURSOS MÉDICO E RELIGIOSO NOS SÉCULOS XVIII E XIX*". obteve nota **9.0** sendo considerada **APROVADA**.

Chapecó - SC, 21 de dezembro de 2020.

Prof. Dr Délcio Marquetti,
Professor(a) Orientador(a)

Prof. Dr. Ricardo Machado (UFFS)
Professor(a) Avaliador(a)

Prof. Dr. Carina Sartori (Bibliothèque nationale de France, BnF, França)
Professor(a) Avaliador(a)

EDUARDA NATALIA BATTISTELLA DE ALBUQUERQUE

OS PRAZERES DA CARNE:
O ONANISMO ENTRE OS DISCURSOS MÉDICO E RELIGIOSO NOS SÉCULOS
XVIII E XIX

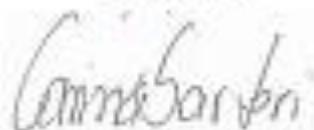
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de História da Universidade Federal da
Fronteira Sul (UFFS), como requisito para
obtenção do título de Licenciada em História.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 21 de dezembro de 2020.

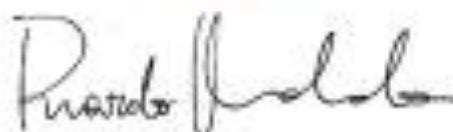
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Dêlcio Marquetti (UFFS)
Orientador



Profa. Dra. Carina Sartori (Bibliothèque nationale de France, BnF, França)
Avaliadora



Prof. Dr. Ricardo Machado (UFFS)
Avaliador

A destruição

Sem cessar a meu lado o Demônio se agita,
E nada ao meu redor como um ar impalpável;
Eu o levo aos meus pulmões, onde ele arde e
crepita,
Inflamando-os de um desejo eterno e condenável.

Às vezes, ao saber do amor que a arte me inspira,
Assume a forma da mulher que eu vejo em
sonhos,
E, qual tartufo afeito às tramas da mentira,
Acostuma-me a boca aos seus filtros medonhos.

Ele assim me conduz, alquebrado e ofegante,
Já dos olhos de Deus afinal tão distante,
Às planícies do Tédio, infindas e desertas,

E lança-me ao olhar imenso em confusão
Trajes imundos e feridas entreabertas,
O aparato sangrento e atroz da Destruição!

(Charles Baudelaire)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar como a medicina do século XVIII e XIX se posiciona frente ao onanismo (masturbação masculina) e em segundo plano, examinando também alguns aspectos da feminina; considerando-a como uma “doença” e um fator causador de morte entre os jovens. O texto relaciona ainda outras áreas que entraram em contato com a temática, como, a religião e seus discursos que demonizaram o ato e transformaram-no em um pecado a ser evitado pelos seus fiéis. Como fonte principal para esse trabalho, foi utilizado a obra do médico francês Jacques-Louis Doussin Dubreuil, denominada *Carta acerca dos perigos do onanismo e conselhos sobre o tratamento das doenças resultantes*, escrita em 1813 na França, traduzida do francês para o português por João Candido de Deos e Silva, em 1825, para uso da mocidade brasileira, para ser utilizado como um guia de combate ao “vício execrável” da masturbação. Observamos a construção social da masturbação e a formação de um controle corporal pelas instituições do Estado, tal como, os médicos e a Igreja Católica. Além da fonte principal, usamos autores da época de discussão do onanismo, como Samuel Auguste André David Tissot, médico suíço do século XVIII que trabalha com a temática, apresentando diversos manuais que descrevem a prática, suas consequências e sua visão religiosa como uma das causas que levariam a morte do praticante. Como referencial teórico para esse estudo foram utilizados autores como, Thomas Szasz e suas pesquisas sobre as mudanças da concepção de pudor na sociedade, autores da época de discussão do onanismo, além de autores como Jurandir Freire Costa e Philippe Brenot, pesquisando as mudanças da concepção de corpo na História da humanidade, refletindo nas transformações sociais que a regulamentação da masturbação e dos atos sexuais apresentaram para os jovens.

Palavras-chave: Onanismo. Tratados Médicos. Jacques-Louis Doussin Dubreuil.

ABSTRACT

The present work aims to analyze how the medicine of the 18th and 19th century is positioned in front of onanism (male masturbation) and in the background, also examining some aspects of the female; considering it as a “disease” and a cause of death among young people. The text also lists other areas that came into contact with the theme, such as religion and their speeches that demonized the act and transformed it into a sin to be avoided by its faithful. As the main source for this work, it was used in the work of the French doctor Jacques-Louis Doussin Dubreuil, called “Letter on the dangers of onanism and advice on the treatment of the resulting diseases”, written in 1813 in France, translated from French into Portuguese by João Candido de Deos e Silva, in 1825, for use by the Brazilian youth, to be used as a guide to fight the “execrable addiction” of masturbation. We observe the social construction of masturbation and the formation of corporal control by State institutions, such as doctors and the Catholic Church. In addition to the main source, we used authors from the time of onanism discussion, such as Samuel Auguste André David Tissot, a Swiss physician from the 18th century who works with the theme, presenting several manuals that describe the practice, its consequences and its religious vision as one of the causes that would lead to the death of the practitioner. As a theoretical framework for this study, authors such as Thomas Szasz and his research on changes in the concept of modesty in society, authors of the time of onanism discussion, as well as authors such as Jurandir Freire Costa and Philippe Brenot, were used, researching changes in conception body in the history of mankind, reflecting on the social transformations that the regulation of masturbation and sexual acts presented for young people.

Keywords: Onanism. Medical Treaties. Jacques-Louis Doussin Dubreuil.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Frontispício da obra Cartas aos Perigos do Onanismo (Masturbação). Edição brasileira de 1825.....	27
Figura 2: Las Voluptuosas.....	46
Figura 3: Socrates and Alcibiades.....	47
Figura 4: onanismo, na visão de Jules-Adolphe, século XX.....	47
Figura 5. Representação das alterações que provocam a masturbação em um jovem de 17 anos	58
Figura 6: Dispositivo anti-masturbação	59
Figura 7: Cama com correntes para manter as mãos separadas do corpo.	61
Figura 8: Jovem afetado pelo hábito da masturbação.	66

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Estruturação da fonte "Cartas acerca dos perigos do onanismo".	32
Tabela 2: Relatos das cartas I e II.....	55

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. O PRIMÓRDIO DO TOQUE	20
2.1 A SENTENÇA DAS DAMAS?	39
2.2 A ALEGORIA DO GOZO	44
3. MÉDICOS X MASTURBADORES	48
3.1 INTERVENÇÕES MÉDICAS	62
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	75

1. INTRODUÇÃO

Confesso aqui publicamente e como ato expiatório: “Sim, eu me masturbei várias vezes!”. A confissão desse crime abjeto sujeito à repetição ter-me-ia custado a vida na Espanha sob a Inquisição, a prisão no século XVIII, pauladas ou sevícias físicas no século XIX e desprezo ou forte reprovação até bem pouco. Esse ato deixa, hoje, alguns indiferentes, mas leva ainda a incerteza a outros, que não sabem bem o que devem pensar dele.

(Philippe Brenot – *O Elogio da Masturbação*)

O ato da masturbação perpassa pela história da humanidade ao longo dos séculos, sendo praticada por homens e mulheres nas mais variadas idades, e, como apresenta a descrição de Philippe Brenot (1998, p. 9), em cada temporalidade, foi tratada – assim como demais questões referentes à sexualidade humana – pela sociedade de um modo mais geral, de formas diferentes. Durante o século XVIII e XIX, vemos surgir obras de literatura médica utilizadas como guias para explicar e combater a masturbação, como é o caso da fonte utilizada nesse estudo: *Cartas acerca dos perigos do onanismo e conselhos sobre o tratamento das doenças resultantes*, livro escrito em 1813 pelo médico francês, Jacques-Louis Doussin Dubreuil, traduzido no Brasil por João Cândido de Deos da Silva em 1825.

A obra *Cartas...*¹ é um manual médico produzido na França e traduzido posteriormente para o português, faz parte das leituras ocidentais da França do século XVIII e XIX que irão orientar esse trabalho, ela foi escrita para identificar quem eram os masturbadores – como eram denominados os praticantes da masturbação (onanismo) – e de como os leitores: médicos, clérigos, dirigentes políticos, familiares, pais (*Cartas...* p. VIII) e demais interessados deveriam auxiliar esses jovens, aprendendo as formas como a Medicina da Europa lidava com essa “doença” e seus efeitos na vida dos jovens – as *Cartas...* tratam de homens da faixa etária de 12 a 20 anos que introduziram-se nesse hábito – e suas consequências na sociedade. A obra apresenta diversos pontos de tratamentos médicos, que poderiam ser utilizados pelos responsáveis pela saúde da população, lembrando que no período do século XIX, os religiosos auxiliavam no tratamento das doenças e muitas pessoas buscavam amparo nos padres para compreender as questões relativas ao corpo.

A masturbação é um assunto pelo qual a medicina se interessou bastante no século XVIII e, especialmente, no XIX. À medida que essa ciência foi-se desenvolvendo e

¹ Doravante, optamos por utilizar apenas *Cartas...* ao nos referirmos à obra de Jacques-Louis Doussin Dubreuil, *Cartas sobre os perigos do onanismo e conselhos sobre o tratamento das doenças resultantes*.

afirmando, tendeu a chamar para si a responsabilidade pelo debate e produção de conhecimentos sobre o corpo, ampliando os estudos e pesquisas, com crescente produção teórica, expressa em tratados médicos, como o aqui analisado. No período medieval e parte do moderno, as questões relativas ao corpo e o sexo foram, em boa medida, assunto religioso, de interesse do clero (embora questões de moralidade perpassassem por vários campos do saber e fossem de interesse, pode-se dizer, amplo, geral), produtor de discursos e práticas repressivas (sermões; obras, como a *Suma Teológica*²; instituição da confissão auricular), grandes responsáveis pela disseminação de uma visão negativa (que poderia resultar em prisão e até em morte, conforme diz Brenot) da masturbação para a sociedade. Essa visão, que considerava o onanismo um hábito nefasto, como vemos, muito influenciou e esteve presente nos discursos médicos formulados na sequência.

As referências ao onanismo, com esse nome, outro termo para masturbação, surgem como um dos primeiros registros na Bíblia em Gênesis 38:8-10. A narrativa bíblica conta a história da condenação de Onã, que deixa cair seu sêmen por terra, no lugar de engravidar a mulher de seu falecido irmão e gerar descendentes, desagradando assim a Iahweh, seu Deus. Logo, o pecado descrito pela Bíblia, em princípio restrito à prática de Onã, que se recusou a dar cumprimento à lei do levirato, estava relacionado ao derramamento do sêmen, o *coitus interruptus*, e não necessariamente a estimulação do órgão genital masculino, enquanto busca de satisfação sexual, denominado futuramente de onanismo, termo que caiu em desuso, sendo substituído por masturbação. Assim, a prática do onanismo passou a ser vista ao longo dos séculos pela religião e na sequência, pela emergente ciência médica como um desvirtuamento que deveria ser combatido.

No léxico do Antigo Regime europeu, o termo empregado para se referir à práticas de autoerotismo, hoje denominadas pelo termo masturbação, inicialmente era alcunhado como onanismo, sendo especialmente apresentado em diversos escritos para tratar de forma mais específica da masturbação masculina. O termo, de origem religiosa trazia em si uma conotação pejorativa, associado a termos como devassidão, já que, em sua origem, foi descrito como um símbolo de pecado ou desvirtuamento presente nos dogmas da Igreja Católica, representando a satisfação sexual das pessoas consideradas solitárias, “pecado solitário” (ANDRÉS-GALLEGO, 1993, p. 29).

² Tomás de Aquino. **Suma Teológica** II-II, q. 154, a. 11. Abordam-se questões referentes à condutas sexuais.

No campo médico, o termo passou a ter uso corrente em princípios do século XVIII, sendo, aos poucos substituído por masturbação. Para Brenot,

a palavra masturbação (provavelmente derivada da expressão *masturbatio* em latim que posteriormente sofreu influência do termo grego *mastropoein*. Em ambos os casos o significado era prostituir) coexistiu juntamente ao termo manustrupação (de *manus*, mão e *stupratio*, ação de sujar, macular, manchar). (1998, p. 19).

Na Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital Brasileira, o termo onanismo começa a aparecer a partir da década de 1830, sendo registrado o maior número de ocorrências na década de 1860.³ Essa breve constatação nos ajuda a perceber o interesse pela temática no Brasil.

Porém o termo onanismo é mais antigo, sua origem remonta a um nome bíblico, encontrado em Gênesis:

Mas Her, o primogênito de Judá, desagradou a Iahweh, que o fez morrer. Então Judá disse a Onã: "Vai à mulher de teu irmão, cumpre com ela o teu dever de cunhado e suscita uma posteridade a teu irmão." Entretanto Onã sabia que a posteridade não seria sua e, cada vez que se unia à mulher de seu irmão, derramava por terra para não dar uma posteridade a seu irmão. O que ele fazia desagradou a Iahweh, que o fez morrer também. (38: 8-10)⁴.

O onanismo representa em primeiro lugar o ato do derramamento do sêmen em Terra, ou exterior a mulher, não cumprindo com seu papel de reprodutor imposto por Deus na criação do homem e da mulher, o *coitus interruptus*. Causando como risco uma fragilidade na perpetuação da raça humana e comprometendo as descendências dos povos.

A Igreja, à medida em que foi-se impondo e chamando para si a responsabilidade de regular condutas de caráter afetivo-sexual, tendeu a estigmatizar essa e outras práticas sexuais, consideradas desviantes. A Medicina no século XVIII também encarou a masturbação de forma negativa, produzindo diversos tratados médicos para combater essa atividade considerada viciante; seus autores apresentavam os malefícios pessoais e sociais causados pela masturbação, relacionando-a a doenças mentais como a esquizofrenia, procurando tratamentos e formas de controlar os masturbadores. Entre os tratamentos indicados, estavam desde remédios e mudanças de hábitos, com o objetivo de auxiliar os jovens a interromper tal ato, até o uso de cirurgias corretivas.

Observando o período moderno, percebemos que a Igreja Católica instituía algumas regras e normas de convívio social, com o objetivo de livrar as pessoas dos pecados e

³ <https://bndigital.bn.gov.br/>

⁴ **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

consequentemente instituir uma vida devota. Logo, quando a sexualidade ou as relações sexuais eram tratadas na sociedade, elas não possuíam um amplo círculo de debate, e tendia a ser mantida em segredo pelos praticantes, representando o medo e o julgamento presente na prática da masturbação. Pensando na Igreja, não era um tema a ser conversado abertamente, senão no estrito espaço do confessionário, ou nas conversas de sermões.

Com isso, a masturbação em específico, era tratada religiosamente como um pecado, o “pecado solitário [...] era como que um retorno de cada homem e de cada mulher sobre si mesmo.” (ANDRÉS-GALLEGO, 1993, p. 29). As pessoas não deviam se masturbar, pois estavam desrespeitando o princípio instituído por Deus na criação (“Sede fecundos e multiplicai-vos...”, Gênesis 1:28), e reforçados em demais passagens bíblicas, devendo assim abdicar seus desejos carnis e prazeres, usando as relações sexuais exclusivamente para a reprodução e apenas com seu determinado cônjuge.

As publicações de estilo literário envolvendo temáticas sexuais não representavam um perigo real para a sociedade europeia do final do século XVII e início do XVIII, porém, segundo Brenot (1998, p. 59) “eis que surge Tissot e seus preceitos liberticidas, que marcarão um período de atraso em relação ao pensamento mais livre”, apresentando que após a ampliação dos tratados médicos sobre as temáticas sexuais, entre elas a masturbação, criou-se uma moderação da forma como o assunto era exposto. Samuel Auguste David Tissot (1728-1797), de que fala Brenot, foi um médico suíço, um dos pioneiros a escrever um tratado médico sobre a masturbação. Sua obra *L’Onanisme* (1760) ganhou grande popularidade, sendo traduzida para várias línguas. A partir de então, o mercado editorial viu aparecerem várias obras dedicadas ao tema.

A Igreja Católica enquanto uma instituição que influenciava nas decisões cotidianas dos cidadãos, ajudou com que a ideia da demonização da masturbação povoasse o imaginário popular. Como consequência percebeu-se que esse ideal era igualmente reproduzido em algumas obras médicas, como ocorre com a nossa fonte de pesquisa, que não está desvinculada da crença religiosa do autor e dos relatos presentes nas *Cartas*, como se vê nos fragmentos da obra: “Só a Religião me poderia dar a victoria”; (...) “minha desgraçada paixão tinha ganhado tanto império em mim, que sem auxílio da Religião, a que meu amigo me forçou a recorrer, e que nunca abandonei, eu não haveria renunciado ao meu habito (DUBREUIL, 1825, p. 67 e 79)”. A época trabalhada apresentava explicações médicas com indícios religiosos, logo, não era incomum algumas doenças e defeitos físicos e mentais

possuírem sua explicação religiosa, demonstrando que essas duas áreas possuíam uma correlação. Índícios de uma emergente ciência que procura se distanciar da religião, mas cujos praticantes não se tornaram, necessariamente, ateístas.

Pensando no onanismo como uma prática de masturbação, considerada por muito tempo um pecado, seus praticantes, além de serem julgados pelo descumprimento das normas religiosas, também serão enquadrados em padrões de pudor da sociedade circundante. Propomos analisar a transformação desse pecado em uma preocupação social, que extrapolou o campo religioso, perpassando por outras áreas como a medicina, que passou a ditar normas de comportamento dos jovens, além de refletir sobre o papel dessa prática na satisfação dos prazeres carnis do homem e quais as suas especificidades de gênero, afinal,

A prática foi tida como solitária e algo a ser feito como recurso à falta de parceiro sexual, especialmente entre as meninas. Entre os rapazes, a masturbação foi determinada como uma etapa na trajetória masculina. A prática e aceitação da masturbação foi mais recorrente entre homens em relação às mulheres. (PEREIRA, 2014, p. 72).

As tentativas de regular a ação da masturbação surgem por parte dos médicos e suas obras de tratamentos e curas para os masturbadores, tendo como objetivo, combater esse ato considerado por muitos como abominável e doentio, com auxílio igualmente da religião e suas normas de pudor corporal, como citado por Jurandir Costa, “Eram também mostrados como suicidas e homicidas; como assassinos do próprio corpo e assassinos do bem-estar biológico-social.” (2004, p. 240). Sendo está uma visão tanto religiosa, quanto medicinal, pois acreditava-se que a masturbação prejudicaria tanto o corpo, quanto a alma, bem como o corpo social. Ou seja, os praticantes da masturbação por se tornarem em certa medida doentes e sem vigor físico para o trabalho e atividades intelectuais, tornar-se-iam um sério problema coletivo, em termos econômicos, e prejudicando também a perpetuação da espécie. Pensando nessa problemática cabe questionar a visão da medicina europeia dos séculos XVIII e XIX sobre a prática da masturbação, presente em tratados médicos da época e qual a cooperação religiosa na temática.

Os médicos foram amplos influenciadores pela disseminação da concepção social da masturbação, seus tratados demonstravam que o corpo iria se degredar causando em casos extremos a morte do praticante, pensando nessa consequência, os escritos médicos buscavam tratar amplamente do assunto, compreendendo seus sintomas e seus tratamentos. Algumas obras escritas por praticantes da medicina apresentavam relatos de jovens masturbadores, pretendendo demonstrar os efeitos da “doença” através da própria experiência dos jovens,

esses relatos pessoais deveriam servir como um incentivo a busca pelos tratamentos e ajuda profissional.

Na atualidade, as questões sobre sexualidade e o contato com o corpo vêm sendo debatidas com uma maior amplitude e liberdade, muitas pessoas têm acesso a documentos e informações que auxiliam na compreensão dos fenômenos que acontecem em nossos corpos e como tratar possíveis doenças e problemas. Porém, o mesmo não se aplica aos séculos passados, no qual o debate sobre o corpo era considerado um tabu social, cercado de restrições. O ato de falar sobre a sexualidade de forma distanciada dos ensinamentos religiosos, vista apenas como uma forma de satisfazer prazeres carnavais, era considerado como uma grave infração contra as virtudes e dogmas apresentados pela Igreja Cristã.

No Brasil, têm-se multiplicado estudos sobre sexualidade e, sobre a temática aqui abordada, estes têm enfoque na masturbação feminina, sendo difícil encontrar trabalhos que abordem a masturbação no gênero masculino. Também são pouco comuns estudos que tenham os tratados médicos aqui referidos como fonte principal. Entendo, então, que esse trabalho será uma contribuição no campo acadêmico para os estudos dessas temáticas, privilegiando o discurso médico produzido na França e utilizado no Brasil, bem como contribuir com debates atuais sobre o corpo, sexualidades e as manifestações dessas sexualidades.

Cabe analisar a história da masturbação para questionar sua construção social e os pré-julgamentos sobre o mesmo. Por exemplo, através das pesquisas percebemos que durante o período histórico da idade medieval e dentro do campo religioso, os masturbadores eram vistos muitas vezes como humanos possuídos por demônios, por meio de prática de bruxarias, utilizando esse imaginário como busca de uma explicação para praticarem atos considerados pelos dogmas religiosos tão corruptíveis, e pela medicina, tão nefastos aos corpos.

Buscamos demonstrar as características do pensamento médico e do pensamento religioso durante o século XVIII e XIX, identificando os usos e apropriações, pela ciência médica, de saberes, práticas e discursos da Igreja, sobre a temática. Esse estudo se insere em perspectivas de estudos sobre história da sexualidade e história do corpo, demonstrando a necessidade de compreender como o corpo se encaixa no cenário social.

Todas essas observações e análises da pesquisa ajudaram a entender o regramento do corpo na atualidade, pensando em seu processo de formação enquanto atos que poderiam ser

praticados, como o sexo no casamento, e atos que não deveriam ser praticados, como a masturbação. Ajudando com isso, a ampliar os debates sobre o corpo, pensando nele enquanto um corpo biológico, passível a doenças e um corpo social, enquanto cumpridor das normas e dos pudores estabelecidos.

Temos como reflexo ainda, os trabalhos acadêmicos e fontes históricas, que o retratam, pensando em todas as áreas de estudos que se relacionam com ele, observando os escritos da biologia, das artes, da história, da literatura, entre outros. Todos conhecimentos que se correlacionam e auxiliam os pesquisadores a compreenderem a masturbação e a visão social estabelecida sobre ela, além de conseguirmos utilizar as fontes disponíveis dessas áreas, como, as literárias e as artísticas.

Para dar conta de nossa proposta e dos objetivos propostos, analisaremos, em diálogo com a bibliografia selecionada, a obra citada *Cartas...* A fonte tem a singularidade de ser escrita basicamente em forma de cartas, o que se aproxima de recursos literários da época, porém, não temos como saber se tais cartas foram, de fato, escritas por reais praticantes do onanismo ou se são resultados das pesquisas do autor que transformou-as em cartas com personagens fictícios.

Refletindo que a temática da masturbação vai além do contato corporal como busca de prazer sexual, mas sim, como uma estrutura estabelecida socialmente, apresentando a forma como a sociedade observa e trata o corpo e seus costumes, dividimos o presente trabalho em dois capítulos.

O primeiro capítulo tem como objetivo apresentar o debate inicial sobre o onanismo, descrevendo seus significados, além de trabalhar historicamente com a noção de corpo, pudor e prazer, descrevendo ainda o significado de onanismo e masturbação, em qual momento da história da humanidade eles são inseridos e quais as suas especificidades de gênero.

Analisamos qual a concepção dessa prática considerada nefasta nas sociedades europeia e brasileira, passando do período dos séculos XVIII e XIX, apresentando quais as transformações que ocorreram na visão do corpo e do toque corporal, pois, a masturbação além de ser uma satisfação dos desejos sexuais representa que para praticar esse ato o indivíduo precisava tocar o seu corpo e conhece-lo, ato este que era proibido pelos dogmas do Cristianismo. Logo, correlacionando a masturbação enquanto uma prática cultural da sociedade, que apresenta sua própria simbologia de relações sociais, trabalharemos com essas

relações e como se modifica a concepção que as pessoas têm de si e dos outros, percebendo a diferença de tratamento entre aquele que seguia as normas religiosas e sociais, e os praticantes dessa moléstia.

No segundo momento utilizando a fonte de pesquisa com mais ênfase, analisando o posicionamento médico na construção da visão social sobre a masturbação, observando a sua transformação em doença mental pelos médicos, se relacionando em alguns casos com a esquizofrenia. Refletindo no controle do corpo enquanto algo biológico e social, apresentando escritos médicos, como nas *Cartas...* e suas descrições de causas, sintomas e tratamentos, compreendendo os relatos dos jovens e a forma como essa “doença” afetou suas vidas, buscando perceber por fim, qual a relação médica na concepção negativa da masturbação.

Sendo que nossa principal fonte, a obra *Cartas...* é de autoria de um médico francês, traduzida e posta em circulação no Brasil, o texto não se restringe à realidade europeia, mas procura apresentar, de forma paralela, considerações sobre o debate em torno do onanismo no cenário brasileiro.

2. O PRIMÓRDIO DO TOQUE

Os olhos no teto, a nudez dentro do quarto; róseo, azul ou violáceo, o quarto é inviolável; o quarto é individual, é um mundo, quarto catedral, onde, **nos intervalos da angústia, se colhe, de um áspero caule, na palma da mão, a rosa branca do desespero**, pois entre os objetos que o quarto consagra estão primeiro os objetos do corpo; eu estava deitado no assoalho do meu quarto, numa velha pensão interiorana, quando meu irmão chegou pra me levar de volta; minha mão, pouco antes dinâmica e em dura disciplina, percorria vagarosa a pele molhada do meu corpo...

Lavoura Arcaica (1989, p. 9-10, grifo nosso)

Abordemos nosso tema partindo de textos mais recentes, produzidos no Brasil.

Ao se deparar com a narrativa em primeira pessoa de André, personagem criado por Raduan Nassar⁵, o leitor de hoje talvez não estranhe o fato de uma consagrada obra da literatura brasileira começar com a descrição, em tons poéticos, de uma cena de nudez e masturbação (ao longo do romance de Nassar, o leitor irá se deparar com outros temas-tabus, como a paixão incestuosa de André pela irmã Ana). Antes disso, nos séculos XVIII e XIX, leitores da época, interessados na temática, encontravam tais narrativas em gêneros literários tidos como marginais, “da malandragem” erótica ou pornográfica, ali postos em linguagem tida como mais “popular”.⁶ Podemos nos questionar sobre o que diziam as vozes que se impunham como detentoras legítimas do poder de organizar a vida social, como a Medicina e a religião que, por meio de seus discursos e forças, regularem comportamentos, controlarem desejos e impulsos da carne. Como a obra de Nassar seria recebida por essas instituições em séculos passados?

Retornemos ao excerto da *Lavoura Arcaica*. O ato – masturbação –, solitário, ocorre no espaço do quarto, tão belamente descrito pelo autor: “um mundo, quarto catedral”. Microcosmo que protege, acolhe, afasta o intruso, o quarto é uma das formas do direito ao segredo (PERROT, 2011, p. 16 e 72). A solidão perturba o homem, ela coloca-o frente aos seus próprios anseios, muitos dos quais não podem ser saciados ou curados, ela pode

⁵ O romance **Lavoura arcaica**, publicado pela primeira vez em 1975, pela Companhia das Letras, ganhou versão para o cinema em 2001, na direção e roteiro de Luiz Fernando Carvalho.

⁶ Ver DARNTON, Robert. Os best-sellers proibidos na França pre-revolucionária. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. GOULEMOT, Jean-Marie. **Esses livros que se lêem com uma só mão**: leitura e leitores de livros pornográficos no século XVIII. São Paulo: Discurso Editorial, 2000. Tradução de Maria Aparecida Côrrea.

despertar no ser humano diversos sentimentos e transformações, como o ato denominado de onanismo. Quando sozinho, imerso em seus pensamentos, sentindo apenas os batimentos cardíacos e o espaço que lhes cerca, são levados nesse momento como uma das possibilidades, a busca pela satisfação, desejo do prazer. Um desejo que não sendo compartilhado com outra pessoa – no romance, a mão é a companhia –, acaba sendo saciado sozinho, como é apresentado por Nassar em seu livro *Lavoura Arcaica*.

O irmão vem para levá-lo de volta, ao macrocosmo, à vida em suas células: a família o quer de volta. Saindo do quarto da velha pensão interiorana, o retorno ao convívio, o espaço das normas, dos olhares e das cobranças. Antes de abrir a porta ao irmão, um último instante em que a mão, agora relaxada, vagueia pelo corpo; no espaço da intimidade, um resquício de toque.

Outra representação sobre a masturbação está presente no livro de romance e ficção distópica do escritor Aldous Huxley, *Admirável mundo novo*, que descreve,

Revelou a espantosa verdade. - Durante um período muito longo antes de Nosso Ford, e até no decurso de algumas gerações ulteriores, os brinquedos eróticos entre as crianças eram considerados anormais (houve uma gargalhada); e não somente anormais, mas positivamente imorais (não!); e eram, portanto, rigorosamente reprimidos. (1996, p.41)

Apresentando nesse cenário, o fator de repressão da masturbação, no qual, o mesmo poderia ocorrer se o indivíduo praticasse o ato através do estímulo causado pelas mãos do jovem ou de outra pessoa, ou ainda com o auxílio de instrumentos exteriores, denominados de brinquedos eróticos. Independentemente da forma como acontece essa prática, ela era apresentada a partir de situações diferentes, como no caso de *Admirável mundo novo*, em que ela é sujeita a punições corporais nos indivíduos, como uma forma de correção das ações dos praticantes, esperando-se com isso, que a pratica fosse cessada.

Passemos a outra descrição do ato masturbatório. Descrição técnica, conceito, advindo de uma Enciclopédia, que organiza o conhecimento acumulado, especialmente no campo científico, *Enciclopédia Universal Paupame*: “Masturbação. Atividade erótica que tem por fim proporcionar sensações voluptuosas e atingir o orgasmo pela excitação manual dos órgãos genitais. (...) **Esta existe até a morte, porque o ser humano ama sobretudo a si mesmo.**” (SD, p. 502, grifo nosso). A *Enciclopédia*, após uma breve informação formal, encontrada, com poucas variações, em outros tantos materiais, nos apresenta um pré-julgamento sob o termo, no momento em que retrata o ato da masturbação como algo egoísta do ser humano,

um ato que resulta do amor próprio, demonstrando que nas vezes em que o tema é colocado em pauta, é apresentado frequentemente com a opinião de seus autores, que analisam o tema através das ideias refletidas das mentalidades de cada época, expressas em seus conceitos.

Embora o ato não seja praticado necessariamente de forma solitária, a masturbação é comumente vista como ato individual, “um retorno de cada homem e de cada mulher sobre si mesmo.” (ANDRÉS-GALLEGO, 1993, p. 29). As citações acima – os romances e a *Enciclopédia* – indicam a variedade de olhares sobre a prática. Deduz-se que a masturbação não se resume a um ato meramente fisiológico, ato libidinoso, mas que é desencadeada pelo conjunto de facetas que compõem o homem, e que se traduz como ato corporal, mental, emocional, dos mais íntimos e pessoais, mesmo que praticado em grupo.

Assim, refletindo que a masturbação não representa simplesmente uma necessidade fisiológica em que o homem está imerso, mas um desejo presente na sociedade, algo almejado pelos seres humanos como uma forma de suprir uma sensação presente em si, substituindo isso, pelo gozo gerado nos praticantes, proporcionando uma satisfação do corpo e da mente.

Logo, ao pesquisarmos sobre a masturbação percebemos que ela envolve muito mais que um simples ato carnal, ela está envolta no meio social, devendo ser observada e estudada detalhadamente, analisando o posicionamento das instituições médicas e religiosas que trabalham com essa temática e quais são suas concepções. Refletindo sobre a concepção física, emocional, individual ou social presentes ao analisarmos brevemente as duas fontes acima, literária e “científica”, nota-se que são tão diametralmente opostas nas descrições que fazem. A primeira, desprovida de pudores e preconceitos, consegue descrever o ato com um efeito poético surpreendente: a mão colhendo de um caule áspero (pênis) uma rosa branca do desespero (sêmen). A segunda, técnica, como convém a um livro desta natureza, deixa escapar, em sua aspereza, uma sentença moralista e ao mesmo tempo condenatória.

Sexualidade e corpo humano há tempos já não são vistos de maneira cartesiana, numa perspectiva que coloca corpo, mente e emoções em campos separados, mas de forma holística. O ser humano é um todo, que compreende isso tudo.

Sendo assim, as imagens de libertinagem e solidão ajudaram a constituir seu conceito e sua prática entre os jovens, sendo apresentada como um problema que estava envolvido na sociedade e na sua estruturação, como descrito por Carneiro: “Ela [a masturbação] me parece psicologicamente ligada a um progresso da fantasia solitária e da introspecção, que marcam

fortemente nossa cultura moderna e contemporânea” (2009, p. 93). À prática física, genital, associam-se, além dos componentes emotivos, elementos culturais, circunscritos em cada sociedade e de cada época. O corpo não é apenas algo natural, biológico, mas ele também é aquilo que se diz sobre ele, ou seja, sendo visto de formas diversas, tem também ele, sua história. (LE GOFF, 2003, p. 10).

Este pecado primitivo está relacionado a perda do sêmen pelo homem e não a busca de uma satisfação carnal, devemos observar que a Bíblia representa o livro dos mandamentos para os fiéis, logo, os mesmos seguiam suas orientações, inserindo posteriormente na sociedade o onanismo como um pecado confirmado pela Bíblia. Afinal, durante o período do surgimento do discurso que atribui a pecaminosidade ao ato, uma das maiores preocupações dizia respeito a um maior controle sobre a instituição do casamento, que, como uma de suas consequências naturais, os filhos que surgiam deste. Como descrito pela Bíblia, havia a necessidade de manter a linhagem de Er, o primogênito de Judá, pois o controle dos territórios e o grau de poder eram definidos com a ajuda da linhagem patriarcal, e a mesma era mantida com a grande quantidade de filhos, e seus casamentos, que ampliariam o território, como descrito por Driel.

Se o filho nasce, ele deve ser tratado como o filho do irmão morto. O propósito levirato no casamento era preservar o nome do homem morto. Sem um patriarca sua linhagem morre. Isso é baseado em mais do que apenas a emoção; isso também envolve a lei de sucessão e a perda da propriedade familiar no caso de falta de filhos. Em outras palavras, o sexo estava a serviço da economia. (DRIEL, 1954, p. 153).⁷

Por isso, o onanismo representava um pecado ou uma violação das normas sociais impostas religiosamente, devido ao fato do derramamento do sêmen fora do vaso feminino resultar no enfraquecimento do poder das linhagens, como apresenta Brenot “A leitura clássica desse capítulo do Gênesis relembra o costume do levirato, que impôs à jovem viúva sem filhos casar-se com o cunhado (do latim *levir*, cunhado) e a condenação de Onã por ter desperdiçado seu sêmen.” (1998, p. 30), demonstrando a quebra de costume causada por Onã.

Conforme Szasz

Em outras palavras, o ato de Onã não era masturbação, mas *coitus interruptus*, retirada do pênis da vagina antes da ejaculação. Seu crime não era auto-satisfação sexual, mas recusa a obedecer à lei do levirato e ter um filho com a viúva de seu irmão. (SZASZ, 1976, p. 215 – 216).

⁷ “If a son is born, he must be treated as the son of the dead brother. The purpose of leviratical marriage was to preserve the name of the dead man. Without a patriarch your line dies out. This is based on more than just emotion; it also involves the law of succession and the loss of Family property in the case of childlessness. In other words, sex in the services of economics”. Tradução livre da autora.

Por muito tempo, os religiosos acabaram interligando o ato da masturbação (estímulo erótico dos membros genitais, usualmente com as mãos) com o do onanismo (derramamento do sêmen do homem fora do ventre feminino), tratando ambos como um ato a ser rejeitado, por apresentar riscos não só para o praticante, mas em todo seu convívio social.

No decorrer dos séculos, adentrando na Idade Moderna, aqueles que tinham o poder de produzir discursos e normas sobre a prática do onanismo estando ao lado do seu significado bíblico, tornam-no um ato ligado a necessidade do homem em satisfazer seus desejos carnis e na busca de prazeres, muitas vezes relacionado a um suposto controle demoníaco sobre o corpo masculino. Sendo assim, a ideia do onanismo como o ato de ejaculação fora da mulher e impossibilitando a reprodução, é substituída pela ejaculação como forma de gozo do homem, meramente prazer carnal, que em alguns momentos poderia ser resultado de um controle sobrenatural.

Buscava-se manter uma estrutura social e isso só é possível com o controle do corpo dos indivíduos, conseqüentemente o domínio dos seus deleites causados pelo ato sexual da masturbação, se concentrando apenas no sexo normativo mantido dentro do casamento, para manter o regramento da sociedade, como apresenta Georges Duby “O que era a civilização? O cristianismo em primeiro lugar, depois o respeito pelos preceitos assegurando a reprodução da sociedade no equilíbrio de suas ordenações.”. (2013, p. 162). Assim, a Igreja e os representantes da medicina ajudaram na instituição de uma normativa social que instituía e mantinha a civilização, nesse caso, mantendo um controle sobre a população e seus atos.

A busca pela supervisão na hora das práticas sexuais, apresentando o que os homens poderiam fazer e o que deveriam ser atos proibidos, demonstra como o controle e poder social de instituições religiosas e dos representantes políticos agem sobre os corpos individuais de seus subordinados. A realização da consumação carnal é um forte ponto de discussão e busca por domínio, estando presente nos discursos religiosos e médicos da sociedade, “A moral cristã condena o pecado da carne e seu excesso, a luxúria. A Faculdade acerta o passo com o clero, médicos e teólogos falarão a mesma língua, primeiramente para condenar o ‘excesso’ e, em seguida, para fustigar ‘o vício solitário’” (BRENOT, 1998, p. 20). Duas organizações de importância e contato frequente com a população, permitindo maior acesso aos seus discursos e experiências vividas.

Além da Igreja Católica, outras religiões, como as Igrejas Protestantes e as diversas ramificações das Igrejas Evangélicas também apresentam sua própria concepção sobre o ato da masturbação. Devemos refletir sobre o posicionamento das religiões levando em conta que,

Cada discurso religioso elabora uma codificação muito visível de atitudes morais consideradas razoáveis para seu rebanho e a torna disponível publicamente. Cabe aos fiéis, tipicamente, comparar essas codificações modelares e se aproximarem da congregação ou igreja que consideram mais consentânea com sua própria disposição moral inevitavelmente, mas não de modo linear relacionada com sua experiência familiar de origem. (DUARTE, 2006, p. 72).

Analisando os variados posicionamentos religiosos, Patrícia Cristina Pereira em sua dissertação de mestrado intitulada *Educação sexual familiar e religiosidade nas concepções sobre masturbação de jovens evangélicos*, analisa através de entrevistas com jovens evangélicos, pertencentes a Igreja Universal do Reino de Deus, e, Igreja Assembleia de Deus, qual a visão religiosa sobre a temática que lhes foi ensinada,

Para controlar a ocorrência da masturbação, os/as participantes apontaram diversos conselhos por parte dos/das formadores/as da igreja. Cravo, Azálea, Orquídea, Dente-de-Leão, Tulipa, Girassol e Begônia [nomes fictícios para os entrevistados] relataram que foram recomendados a evitar a tentação. Ou seja, fugir da aparência do mal, fugir de situações que estimulem à excitação, erotismo, fantasia, pornografia, enfim qualquer atitude que leve ao desejo sexual. (2014, p.96).

Segundo Girassol, Cravo, Begônia, Lírio e Gerânio os ensinamentos da religião sobre o tema mostraram que a prática seria um desrespeito aos planos de Deus. A masturbação seria a antecipação dos planos de Deus em razão da pessoa se expressar sexualmente antes da maneira errada, antes de encontrar a pessoa que Deus tem reservada à ela. (2014, p. 94).

Demonstrando através dos relatos dos entrevistados que o posicionamento das Igrejas Evangélicas de sua pesquisa, não era favorável a masturbação e se utilizavam de uma explicação religiosa [contra a vontade de Deus] buscando que a masturbação não fosse praticada por seus jovens. Percebemos ainda as especificidades de gênero presente nos discursos religiosos a partir das entrevistas de Pereira,

A pesquisa também sinaliza uma diferença marcante na compreensão da masturbação em função do gênero. Para os meninos estaria associada a vício, fraqueza e cansaço. Enquanto para as meninas à doenças, pecado e manutenção da virgindade. A culpa e o pecado estão presentes nas pessoas que se declararam evangélicas. (2014, p.72).

Ao falar sobre as relações sexuais existia um pudor sobre os prazeres, com isso, apenas era comentado de uma forma mais livre na sociedade o ato sexual acordado para a reprodução, o que não impedia que, em rodas mais íntimas, tais assuntos não viessem à tona, os jovens nos seminários e nos seus grupos de amigos podiam comentar em círculos mais fechados e muitas vezes de forma irônica perante grupos maiores. Assim, devemos pensar na

masturbação como uma característica complexa da sociedade, que pode ser analisado por diversas áreas de pesquisa, como a biologia, a sociologia, a medicina, a antropologia, a história, entre outras, relacionando-as.

Os debates acerca da masturbação antes do século XVIII, apesar do discurso moralista da religião, não a considerava um crime tão severo, sendo que o ato era citado em obras literárias de forma mais livre “Se eu tivesse pensado que minha filha fosse tão depressa se ocupar desse tipo de trabalho, teria permitido que ela esfregasse sua parte frontal até os 24 anos de idade” (Les Caquets de l’accouchée. Apud BRENOT, 1998, p. 58). Além da representação em outros textos, como, *Cabinet Satyrique* (1618) e *La Religieuse en Chemise* (1683), chamado posteriormente de *Vénus dans le cloître* (1719), narrativas eróticas e provocadores que descreviam atos libertinos e insinuavam cenas relacionadas a masturbação “(...) como a reclusão lhes é estritamente imposta, buscam em si próprios o prazer que não podem desfrutar com outra pessoa” (*La Religieuse en Chemise*. In: BRENOT, 1998, p. 59), tais descrições estavam presentes no imaginário literário social e poderiam servir de conteúdo para os jovens se inspirarem.

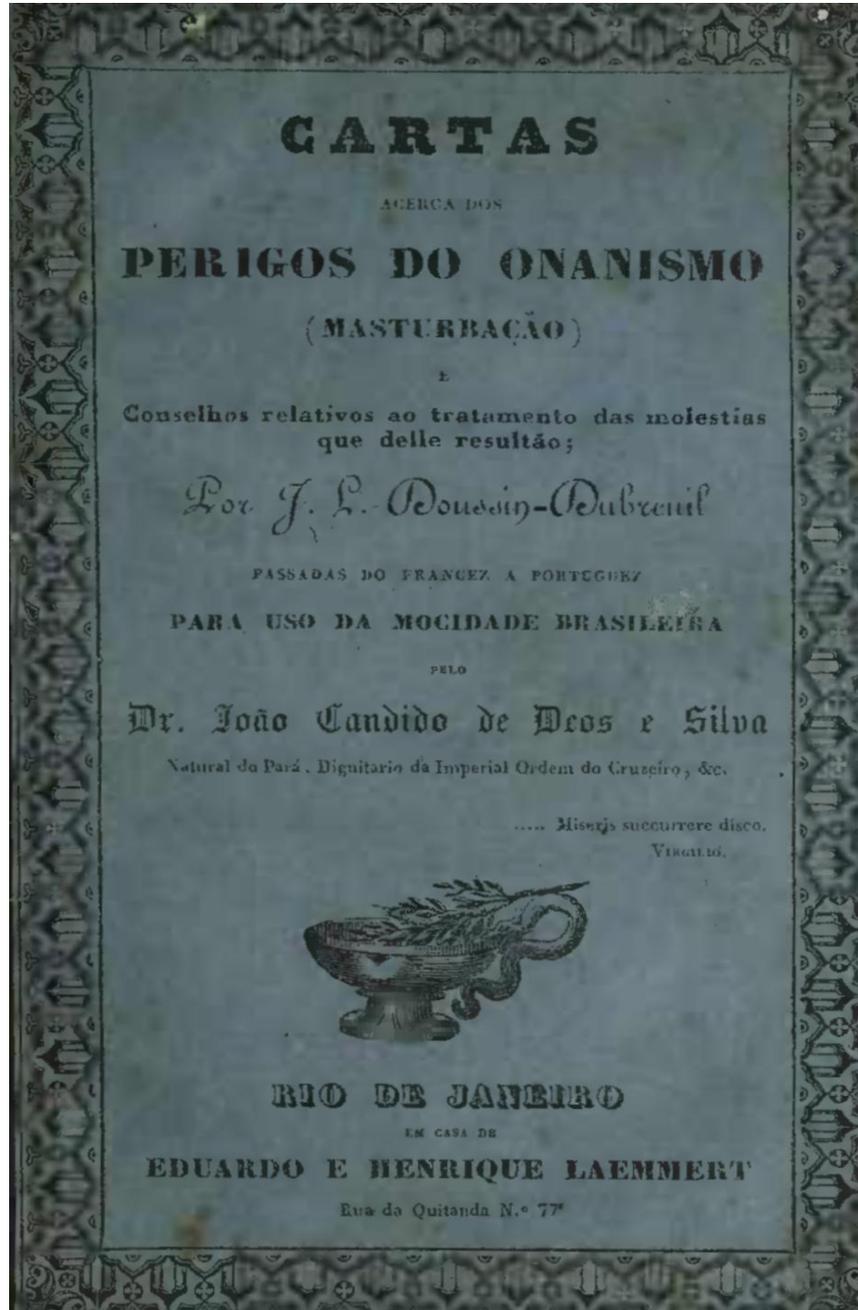
No campo médico, o século XVIII viu surgir, já em suas primeiras décadas, uma verdadeira cruzada contra a masturbação (JORGE, 1988, p. 15). Em princípio por meio de panfletos, como o de Balthazar Bekker (as fontes apontam para um pseudônimo): *Onania, ou o hediondo pecado da auto-polluição e todas as suas consequências terríveis, em ambos os sexos considerado: com conselhos espirituais e físicos para aqueles que já feriram a si mesmos por esta prática abominável*. Começaram a aparecer compêndios ou tratados médicos que abordavam o assunto, todos nessa mesma linha⁸ sendo o do Dr. Auguste Tissot, *L’Onanisme*, o mais conhecido e citado.

Aqui se faz uso, especialmente da *Cartas acerca dos perigos do onanismo (masturbação); e conselhos sobre o tratamento das doenças resultantes* (figura 1), obra

⁸ São exemplos: FOURNIER, H. O Onanismo. **Suas causas, perigos e inconvenientes para o indivíduo, família e sociedade. Remédios**. Tradução de Dr. Narciso Alberto de Sousa. Livraria Editora Guimarães & C.^a. Lisboa. s.d. 12x19 cm. 141-I págs. B; DR. CAUFEYNON, **L’Onanisme chez l’homme**, vol. 3 of Bibliothèque populaire des connaissances médicales. Paris: Nouvelle Librairie Médicale, 1902. Tissot com a obra **L’Onanisme**, 1905; Salzmann escreveu **Sobre los pecados secretos de la juventude**, 1819; Docteur Caufeynon escreveu **L’Onanisme chez l’homme**;

escrita em 1813, pelo médico francês Jacques-Louis Doussin Dubreuil, e traduzida do francês para o português em 1825, disponível *online* na Biblioteca Brasileira Guida e José Mindlin.⁹

Figura 1: Frontispício da obra *Cartas aos Perigos do Onanismo (Masturbação)*. Edição brasileira de 1825.



Fonte: *Cartas acerca dos perigos do onanismo (masturbação); e conselhos sobre o tratamento das doenças resultantes*.

Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3010>>

⁹ *Lettres sur les dangers de l'onanisme*. DUBREUIL, Jacques-Louis Doussin. **Carta sobre os perigos do onanismo e conselhos sobre o tratamento das doenças resultantes**. III th ed., Revised, corr. e aumentar Chateauroux, do imp. de Migné, 1825, in-12. p.VIIDisponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/>. Acesso em: 10 de mai de 2019.

Jacques-Louis Doussin-Dubreuil nasceu em Saintes-Maries-de-la-Mer, em 5 de outubro de 1762, sendo filho de Jacques-Louis Doussin (1723-1801), cirurgião, fundador da Escola de Cirurgia Saintes, e de Catherine Cheron. Ele aprendeu cirurgia com seu pai, e é um dos primeiros a se declarar a favor da vacinação. Membro da Central Vaccine Society, ele propôs a ideia de depósitos de vacinas em toda a França, o que ajudou a reduzir os efeitos de uma epidemia de varíola. Ele fundou ainda a Academie Societade Real de Ciências de Paris e produziu diversos escritos médicos, entre eles está nossa fonte principal, as *Cartas*.

Doussin-Dubreuil, escreveu ainda um livro sobre a masturbação feminina, cuja tradução a que temos acesso encontra-se em espanhol: *Estravios secretos, el Onanismo em las personas del Bello Sexo*¹⁰ (1831), escrita também em estilo epistolar, com trocas de 14 cartas com mulheres parisienses e de outras cidades europeias. O autor indica que seus estudos iniciais foram sobre a masturbação masculina pois a mesma “apresentava rápidos progressos diariamente”, causando algumas mortes entre os jovens. Como citado em seu discurso preliminar “Neste momento recebo a notícia da morte de um filho único de quinze anos da idade, (...) Este desgraçado moço não declarou que usava da masturbação, senão quando se viu próximo a perder a vida. ” (p.VII),¹¹ o mesmo afirma ainda que “quando atacados de graves acidentes, atribuem seus males ao desleixo e negligência dos que os educam.” (p. VII). Pensando nessas características o autor busca que sua obra sirva para auxiliar aos pais, famílias e educadores sobre os males da masturbação nos jovens.

Além dessas duas obras, o Doutor Dubreuil escreveu mais uma dezena de outros livros dedicados à orientações de saúde sobre temas diversos. Em *Cartas...* cita, à p. 42, sua obra *Tratado das Viscosidades*. O livro que nos chama mais atenção é intitulado *Aviso aos recém-casados, ou da identidade de duas doenças muitas vezes consideradas como produto de comportamento irregular, ou da natureza e causas da gonorréia benigna e flores brancas*¹², de 1825. Tratando sobre comportamentos que podemos desvincular da masturbação e que a medicina do século XVIII e XIX considerava como “irregular”, questionando quais seriam as outras proibições da vida sexual atribuídas aos jovens.

¹⁰ Des Égarements secrets, ou de l'Onanisme chez les personnes du sexe. Traduzida para o espanhol por Don Carlos Delgado. Disponível em: <https://archive.org/details/b22016454/page/n9/mode/2up>. Acesso em 30 de out 2020.

¹¹ Doravante, ao nos referirmos à obra de Jacques-Louis Doussin Dubreuil, *Cartas sobre os perigos do onanismo e conselhos sobre o tratamento das doenças resultantes* (1825). Optamos por colocar nas citações apenas o número da página.

¹² *Avis aux jeunes mariés, ou de l'identité de deux maladies trop souvent considérées comme le produit d'une conduite irrégulière, ou de la nature et des causes de la gonorrhée bénigne et des fleurs blanches*. Tradução livre da autora.

A edição brasileira da obra *Cartas...* é composta por 130 páginas, traduzida, no Brasil pelo Dr. João Candido de Deos e Silva. Algumas considerações sobre o tradutor se fazem necessárias, já que nos ajudam a pensar sobre o interesse no tema no Brasil, e de como a Medicina era praticada aqui no século XIX¹³. João Candido nasceu em 1787 no Pará, e morreu em 1860, em Niterói, Rio de Janeiro. Foi advogado, professor, desembargador e funcionário público. Ocupou ainda as funções de Doutor juiz de fora e presidente do Senado. Foi Dignatário da Imperial Ordem do Cruzeiro, uma ordem honorífica criada por D. Pedro I para premiar os brasileiros e estrangeiros que contribuíram com a formação do Império no Brasil, honraria que o tradutor de nossa obra fez questão de colocar na capa da obra traduzida.

João Candido traduziu mais de 20 obras do inglês e do francês para o português. Obras de cunho moral, e alguns clássicos da filosofia francesa. Indivíduo que encarna a figura do político, homem público, intelectual interessado e atento às discussões de cunho moralizante. A frase do tradutor/autor (à página 35 da obra *Cartas...*, João Cândido acrescenta uma nota de quase três páginas relatando, nos mesmos moldes que faz Dubreuil, um caso de um seu colega de estudos, vítima do “infame habito” da masturbação): “Para uso da mocidade brasileira”, presente na capa da edição brasileira, já indica uma posição muito clara desse “autor” em relação ao tema da masturbação. Os conselhos ali contidos devem ser observados pelos jovens brasileiros, praticantes do onanismo.

Cabe aqui destacar que no Brasil do século XIX, o uso de manuais médicos era inserido com maior frequência principalmente nos grupos da elite, tendo como objetivo “atender aqueles que estavam longe dos centros urbanos e em localidades de difícil acesso aos médicos credenciados pelas academias e autoridades.”. (FIGUEIREDO, 2005, p. 62). O contato médico em salas de consultório como conhecemos atualmente, não representava a realidade dos brasileiros no séc. XIX, o mais frequente era os médicos visitarem de tempos em tempos algumas regiões, lembrando que, esses profissionais representavam um número pequeno na sociedade. Dessa forma, acabou sendo necessário que a população encontrasse distintas maneiras de combater as doenças.

A decorrência desse evento foi a propagação de manuais médicos que poderiam ser utilizados e compreendidos por pessoas comuns sem conhecimento prévio das artes

¹³ Ver FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. Os manuais de medicina e a circulação do saber no século XIX no Brasil: mediação entre o saber acadêmico e o saber popular. *Educar*, Curitiba, n. 25, p. 59-73, 2005. Editora UFPR. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602005000100005&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 04 de nov 2020.

medicinais. Assim, “Os autores desses manuais podem ser analisados como desempenhando o papel de intermediários entre o conhecimento acadêmico de suas respectivas épocas e a comunidade, exercendo o papel de mediadores culturais na área da medicina. ” (FIGUEIREDO, 2005, p.68), como exemplo a nossa fonte de análise.

É significativa a expressão em latim: “... *Miseris succurrere disco*”, de Virgílio (“... Sei socorrer os infelizes”, ou ainda: “Aprendi a socorrer os infelizes”), a qual não sabemos se ali colocada por Dubreuil ou por João de Deos, já que em outras obras do médico também são encontradas outras expressões em latim. A frase completa de Virgílio (extraída da obra *Eneida*) é: “*Non ignara mali, miseris succurrere disco*” (“Tendo experimentado o infortúnio, aprendi a socorrer os infelizes”, ou: “Conhecendo por experiência própria a desventura, sei socorrer os infelizes”). O emprego de expressões latinas por magistrados e outros profissionais é uma prática comum. As expressões, além de pretenderem demonstrar erudição por parte do autor, funcionam como epígrafes, e indicam o teor dos escritos. O uso da segunda parte da frase de Virgílio já é em si bastante sugestiva das pretensões do autor: socorrer infelizes, desafortunados que sofriam com a masturbação.

Sobre a chegada da obra no Brasil e sobre seu tradutor João de Deos, o jornal publicado em 1934, *Correio oficial: In Medio Posita Virtus*, do Rio de Janeiro, lê-se um interessantíssimo anúncio:

Annuncios

O Onanismo, esse horrendo crime, mais conhecido entre nós pelo nome da masturbação, que degrada a especie humana privando a até da faculdade prolifica com que a dotou a natureza, que causa tantos e tão terríveis estragos no physico e moral do homem, reduzindo-o ao desprezível estado de estúpido e imbecil authomato, que tem conduzido á voragem do tumulo com prematura e vergonhosa morte tantos indivíduos de ambos os sexos, cuja florente mocidade e vigorosa constituição promettião larga duração, e os mais esperançosos serviços á sua Patria; este crime solitario que busca encobrir-se nas sombras do segredo e do mysterio, mas que logo se patenteia pelos damnos que produz na saude e vida de suas deploraveis victimas, e que tanto luto e pranto tem derramado pelas famílias, e causado estragos na Moral e nas consciencias, tem sido objeto de incansaveis cuidados não só dos Moralistas como de zelosos e ilustrados Medicos. Depois do celebre Tissot que escreveo seu pequeno Tractado sobre este assumpto, e que tem servido de farol n’esta carreira, para retirar das bordas do precipicio aquelles infelizes que por sua desgraça, e ainda mais por sua ignorancia, estavam próximos a serem por elle tragados, merece distincta menção a obra do Dr. Doussin Dubreuil, com o titulo – *Cartas acerca dos perigos do onanismo* – em pequeno volume de 8º, obra de conhecida utilidade a todos os pais de familia, mestres, directores e educadores da mocidade e aos mesmos mancebos. N’este livro se veem descriptos com vivas e fieis cores os prejudiciaes damnos a que á humanidade causa este vergonhoso e detestavel vicio.

A Religião e Humanidade reclamão de nós em altos brados a vulgarisação d’esta obra em linguagem Portugueza para a por aoalcançe da mocidade Brasileira, no que de certo não faremos pequeno serviço ao nosso Paiz, cuja atençaõ parece hoje

absorvida toda em preocupações políticas, olhando com desprezo para o que de mais perto interessa á conservação e vigor dos indivíduos.

Ella se acha no Prelo e breve terá de ver a luz publica. Convidamos por tanto a todos os mancebos, pais e mestres, a proverem-se d'ella; sua subscrição esta aberta na loja de livros de Eduardo Lemmert, na rua da Quitanda N° 139, entre a rua do Ouvidor e a do Rozario, pelo modico preço de mil réis cada volume.

Seu Traductor o Dr. João Candido de Deos e Silva, he já conhecido pela versão das obras de Mr. Droz que tem publicado, e por muitas outras, que possui manuscriptas e impressas, e que tem merecido a benevolencia das pessoas de gosto cultivado, amigas da pureza da bella lingua dos Camões e Ferreiras.¹⁴

A notícia divulgada pelo jornal transparece a necessidade de um controle sobre os jovens que praticavam a masturbação e estavam morrendo em consequência desse detestável vício. Além de representar a emergência dos tratados médicos que auxiliassem as diversas áreas da sociedade (escola, família, religião...), como ocorre com a inserção das Cartas de Dubreuil na sociedade brasileira, apenas 12 anos após a sua publicação na edição francesa, indicando ainda o local que a obra poderia ser achada para os casos acometidos pela masturbação.

Voltemos à obra do Doutor Dubreuil. O documento é dividido em: Discurso preliminar (uma espécie de introdução); cinco cartas (tabela 1), cada uma trabalha uma especificação do ato, iniciando com 11 relatos de experiências de jovens que “sofreram” com as práticas; em seguida, descrevendo quais eram os tratamentos médicos utilizados como base para produção de remédios e tratamentos aos onanistas; apresentando ainda possíveis sinais para reconhecer um praticante da masturbação.

Após as cartas, o livro traz uma série de subtítulos (trata-se da segunda parte da obra, com o subtítulo “Conselhos relativos ao tratamento das molestias que dele resultão”) com mais instruções sobre a temática¹⁵, seguidos de “Conselhos de Willaume acerca dos meios de impedir os progressos do onanismo”, título que, ao que tudo indica, não é de autoria de Dubreuil. Por fim, o autor conclui com uma “Explicação d’alguns termos que se encontram

¹⁴ Correio Oficial. Rio de Janeiro, quarta-feira, 24 de setembro de 1834, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=749443&pesq=onanismo&pasta=ano%20183&pagfis=1474>. Acesso em: 30 out 2020.

¹⁵ Conforme consta na “Taboa das materias” (Sumário) ao final da obra: “Conselhos sobre o modo de tratar os masturbadores. Factos que provão quão difficultoso he deixar o habito do onanismo; freqüentes e involuntárias perdas de liquido seminal. Dieta. Do Uso dos purgativos na cura destas enfermidades. Se pode ser util a Sangria para combater os effeitos do Onanismo? Se podem os que se dão a estes excessos, usar de cristeis contra longa constipação? Se podem colher grande utilidade do uso do leite? Do uso dos banhos quentes. Do uso dos banhos frios. Do Exercício.” Os dois primeiros títulos “Conselhos sobre o modo de tratar os masturbadores” e “ Factos que provão quão difficultoso he deixar o habito do onanismo; freqüentes e involuntárias perdas de liquido seminal” não são encontrados, na obra, dessa forma. Na obra, encontramos os subtítulos, divididos da forma como disposto na “Taboa das materias”, a partir do título “Dieta”.

n'esta obra”, um glossário¹⁶, seguido, na mesma página, de um rol de autores citados na obra¹⁷.

Tabela 1: Estruturação da fonte: "Cartas acerca dos perigos do onanismo”.

Cartas	Composição
Primeira Carta: Ao Sr. ***, Estudante em Bordeos. Paris, 17 de fevereiro de 18**	Dividida em 11 extratos, que são as reais (segundo o autor) experiências de jovens que sofreram com o onanismo, nele os jovens relatam sua idade, como começou a praticar o onanismo e os sintomas.
Carta II Paris, 10 de Março de 18**	Inicia com a visão de alguns médicos da época sobre os perigos da masturbação, apresentando os sintomas mais frequentes, depois se divide em 8 “factos”, que são relatos de pessoas que passaram a sofrer com o onanismo, porém esses relatos não são pessoais, mas sim outras pessoas escrevendo sobre, por exemplo um amigo ou um caso no jornal.
Carta III: Descrição dos signaes que dão a conhecer o indivíduo que se dá ao onanismo. Paris, 20 de Março de 18**	Descrição de sinais que podem ser usados para reconhecer um praticante do onanismo.
Carta IV: Indica o Autor novos signaes por onde se conhecem os mancebos que se entregão ao onanismo, e reputa menos equivoco a magreza diária apesar do muito comer. Paris, 2 de Abril de 18**	Descreve como os jovens iniciam-se nesse vício, qual sua natureza. No final, são apresentadas duas cartas, relatando o final da vida de um jovem vítima do onanismo.
Carta V: Reflexões do Autor acerca dos temperamentos. Paris, 11 de Abri de 18**	Descreve as formas de tratamento para os praticantes do onanismo, demonstrando que cada caso tem um tratamento específico.

Fonte: Tabela elaborada pela autora, 2020 com dados coletados da obra *Cartas...*

No Discurso preliminar, que abre a obra lemos:

As cartas, que aqui apresento, vão tais as escrevi a um mancebo, que se destinava ao estudo da medicina, e que se havia entregado ao onanismo, mas que me declarou a tempo ainda próprio para o curar. Hesitei muito se as devia ou não dar a lume, porque consultando eu obras de homens celebres que trataram o mesmo assunto, nelas achei multiplicados fatos quase semelhantes aos que nestas cartas vão consignados. Confesso que me não decidiria a escrever depois dos Tissot, Salzmann, Campe, Gottlieb Vogel, &c , se não tivera noticia dos espantosos e rápidos progressos que faz diariamente o vício da masturbação. (p.V).

¹⁶ “Apoplexia; Atonia; Epilepsia; Lethargo; Minorativos; Paralysis; Pustulas” e “Polluções”

¹⁷ “Bertrand; Campe; Celso; Frank; Gottlie b Vogel; Lomnio; Stehelin; Salmuth; Tissot; Van-Swieten; Willaume; Zimmermann”.

Algumas considerações sobre essas afirmações iniciais. Primeiramente, o autor afirma que as cartas que apresenta na obra foram originalmente escritas para um estudante de medicina, sem a pretensão de se tornarem um livro, já que três ou quatro autores célebres (modestamente, Dubreuil reconhece que é “menor” nesse campo ainda que não possamos descartar que anseios por fama e dinheiro fossem também motivações) já haviam discorrido sobre o tema. Dos autores referidos, o primeiro a aparecer é Auguste Tissot, cuja obra publicada em 1760, *L’Onanisme* já era bastante conhecida, descrevendo sobre os malefícios causados pela prática da masturbação, “ um dos primeiros médicos a semear pânico nesse assunto foi o suíço Samuel Auguste Tissot (...) Tissot considerava a masturbação um crime, ainda pior que o suicídio. ” (DRIEL, 1974, p.100). Após a divulgação de sua obra, ele acabou se tornando referência para outros médicos, sendo tratado como um dos primeiros escritores dessa temática.

A julgar pelo que afirma o autor, o tema já era suficientemente abordado por seus pares, mas, como disse, animou-se a trazer a lume as ditas cartas (em sua segunda edição, p. VII) porque o vício da masturbação fazia progressos rápidos e espantosos. A motivação apresentada pelo autor pode nos sugerir que a “cruzada contra a masturbação” avançava.

Dubreuil, em obra cita em diversas partes a importância dos escritos de Tissot e sua contribuição no auxílio dos futuros médicos que irão trabalhar com a masturbação, como Doussin apresenta na carta II, “Tissot, celebre médico de Lausanne, morto há quase 16 anos, pranteado dos sábios, e de muitas pessoas de todas as jerarquias, que hão diariamente à sua casa para serem tratados por sua direção e conselho. ” (p.38). Assim, o tratado *L’Onanisme* serviu para auxiliar e de certa forma incentivar os médicos.

Na obra de Dubreuil as cartas citadas, assegura o autor, foram destinadas a um jovem estudante de medicina, de Bordeos, também ele um praticante da “infame manobra” (p. VIII) da masturbação e sua composição teria a finalidade de ajudar o estudante. Sobre as cartas em si, que ocupam a maior parte da obra, propomos algumas reflexões: tratavam-se, de fato, de correspondências que manteve com o estudante, ou seriam um recurso literário empregado pelo autor, como uma espécie de pretexto para abordar o tema? É comum encontrarmos na literatura do período aqui abordado o uso de cartas como artifício, como uma forma de escrever. Seja como for, as cartas da obra de Dubreuil trazem excertos de depoimentos de masturbadores – que o autor denomina “extractos” ou “factos” – e fragmentos de outras cartas da mesma natureza, materiais que o autor usa para discorrer seus argumentos.

Tais depoimentos ou testemunhos, breves e mais ou menos padronizados – trazem a idade em que começaram a se masturbar, influências, sintomas, tratamentos já experimentados etc – se constituem em interessante material. Em tese, encontramos dentro de uma obra de natureza médica, registros de falas (supostamente) dos próprios masturbadores, uma espécie de indício que, de outra forma, nos seria muito difícil encontrar, dada a natureza do objeto em questão, permeado por toda sorte de pudores.

O que entra em questionamento é o corpo humano, seus desejos e inclinações, o corpo se torna um objeto social, regulamentado pela medicina e pela religião, ambas áreas que criam tratados e obras descrevendo quais os tratamentos e ações corretas em relação as ações corporais humanas. Apresentando dois pontos que se complementam, primeiro, temos a religião católica que descreve essa relação como “... esta abominável veste da alma. Corpo depreciado do ser humano pecador, pois se ouve incessantemente dizer que é pelo corpo que ele corre risco de perder-se” (GÉLIS, 2012, p.20), uma concepção relacionada as práticas sexuais do homem, apresentando que a libertinagem não é livre, suas ações devem ser controladas e medidas, pois apesar do indivíduo praticar tal ato em seu quarto isolado, ele faz parte de uma sociedade e suas ações irão ser transmitidas para o corpo social.

Como segundo aspecto, temos a visão da medicina em que, “O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política” (FOUCAULT, 1979, p.80), afirmando novamente que o corpo representa um ser social, de poder, que governa ou é governado, logo, suas ações apesar de serem individuais estão inseridas dentro de uma estrutura social, interligando por fim, o corpo biológico com o corpo social, correlacionando suas funções e apreciações. Como apresentado por Le Goff, “(...) o corpo tem uma história. A concepção do corpo, seu lugar na sociedade, sua presença no imaginário e na realidade, na vida cotidiana e nos momentos excepcionais sofreram modificações em todas as sociedades histórias.” (2006, p. 10). Com isso, o imaginário sobre o conceito e as funções do corpo enquanto representante de normas e desejos se modifica de acordo com as relações da sociedade em que esse indivíduo coexiste.

A masturbação pode ser vista como o contato que o ser humano tem com seu próprio corpo, conhecendo-o e descobrindo seus pontos de dores e prazeres. Porém essa ação é controlada pelo pudor social, religioso e médico, que estabelece regras e restringe algumas ações que não devem ser praticadas ou debatidas em público, como é apresentado por Engel, “o crescente interesse dos historiadores em torno desse universo temático deveu-se, sobretudo, às recentes transformações dos costumes, principalmente ao dissipar-se o que

restava da atitude de pudor herdada do século XIX” (1997, p. 298). Portanto o discurso sobre a masturbação acaba se ampliando na sociedade atual, no meio acadêmico, devido as transformações das mentalidades que ocorreram nos séculos XIX e XX.

A masturbação é praticada por diversas pessoas, sendo homens ou mulheres, jovens ou idosos, já foi relatado que muitos a praticam, porém, apesar de sua execução atingir diversas categorias, seu debate ainda é limitado ao público. À medida em que a pesquisa na área médica foi-se ampliando e consolidando acerca dos masturbadores, foi relatado que os mesmos permaneciam doentes por um período, sendo consequência desse ato, levando inclusive muitos a morte. Essas pesquisas ajudaram na disseminação social da masturbação como um ato vergonhoso que apesar de praticado não deveria ser conhecido aos outros, como relata Dubreuil (p. 6) “e só com muita dificuldade, e quando temem a morte já muito próxima, é que descobrem aos médicos a origem de suas enfermidades.” É uma prática que se mantém em segredo sempre que possível, assim, os debates e as falas sobre os masturbadores são moderadas nas rodas de conversas, dificultando aos médicos o acesso a seus praticantes e uma provável “cura”.

O pudor por muito tempo foi uma forma de controle social, estabelecido pela religião em auxílio do Estado e conseqüentemente da medicina, mantendo sob controle os atos dos cidadãos, enfatizando que o corpo não é apenas algo biológico e individual, mas uma construção simbólica modificada através dos costumes sociais. Segundo Matthews-Grieco

(...) o corpo aparece principalmente sob dois aspectos. Primeiramente, sob o aspecto do costume e da legislação: tanto um como a outra buscam disciplinar e dirigir suas funções reprodutivas, reprimindo os impulsos desordenados da sexualidade por razões que participam ao mesmo tempo do social e do espiritual. Em segundo lugar, o corpo aparece como o agente (ou a vítima) de atos sexuais transgressivos e, portanto, como lugar privilegiado de “crimes” contra a religião, a moral e a sociedade: ele testemunha assim a eterna e relativa impotência das restrições sociais que visam conter as práticas sexuais dentro dos limites estabelecidos pelas convenções e pelas leis. (MATTHEWS-GRIECO, 2012, p. 217).

Assim, o pudor é utilizado pelas instituições como forma de regulamentar as práticas corporais dos homens, apresentando que suas características não eram simplesmente religiosas, mas que estava interligado as ações da sociedade e suas formas de poder.

Nesse processo de investigação do pudor e controle da moral, o Dr. Mello Moraes, natural da cidade de Alagoas, em seu *Diccionario de Medicina e Therapeutica Homoeopathica, ou a Homeopathia posta ao alcance de todos*, questiona

Acabamos de ver quanto o homem é levado, por sua natureza e pelas relações sociais, aos prazeres da sensualidade.
 Contudo a moral não permite as relações sexuais se não no casamento, e a religião católica impõem o celibato aos ministros do culto e as pessoas que professam nas ordens religiosas.
 Será possível que o homem guarde continência na idade em que os órgãos genitais têm feito sua inteira evolução? (1872, p.353)¹⁸.

Apesar do controle social estabelecido sobre os desejos sexuais devemos observar que, o corpo além de ser dominado pelas regras e normas estabelecidas pelas instituições de poder da sociedade, também está à mercê de seus aspectos e vontades biológicas.

Refletindo sobre o questionamento levantado por Moraes e observando os relatos de Dubreuil, verificamos que a inserção dos jovens moços na prática masturbatória surge em determinados momentos, como uma curiosidade de conhecer o próprio sexo e suprir as necessidades do indivíduo, ao mesmo tempo que, alguns jovens abandonavam os prazeres considerados pecaminosos, como a masturbação e seguiam uma vida de acordo com as crenças religiosas e sociais.

De quinze anos fui pensionista na casa de um cidadão, para dali ir para o colégio. Deram-me, segundo o uso do país, um camarada de leito, e foi este o que me ensinou o que eu quisera haver ignorado toda a minha vida, porque estava na mais pura inocência; entreguei-me sem reserva à masturbação (...). Se eu tivesse atendido aos bons conselhos de um outro rapaz a quem tentei corromper, e que repeliu para bem longe as impudicas proposições que lhe fiz, não teria caído no miserável estado em que me vejo há dez anos. (p.18-20).

Dubreuil apresenta que existiam dois tipos de jovens, os que conheciam a masturbação e seus efeitos descritos pelos médicos, negando sua prática, e, os jovens considerados inocentes e introduzidos na prática por algum conhecido, o caso citado acima demonstra exatamente os dois tipos de jovens que poderiam estar envolvidos com a masturbação.

A visão negativa relacionada ao ato da masturbação era representada socialmente, principalmente dentro das áreas religiosas e medicinais, como apresenta o *Diccionario de medicina popular e das sciencias accessorios para uso das famílias*, ao pesquisarmos o verbete onanismo,

Segundo minha opinião, diz o Dr. Reveille-Parise, nem a peste, a guerra, as bexigas, ou grande número de males semelhantes, tem resultados mais desastrosos para a humanidade do que o funesto costume da masturbação: é o elemento destruidor das sociedades civilizadas. (CHERNOVIZ, 1890, p. 524).

¹⁸ Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221686>. Acesso em 12 dez 2019.

O fato dos homens praticarem a masturbação demonstrava, segundo o autor a ausência do controle das instituições sobre o corpo individual, por isso é representada como sendo a destruidora da civilização.

Além de ser utilizada para a satisfação e o prazer pessoal dos jovens, a masturbação servia como um método contraceptivo durante as relações sexuais, que ocorriam normalmente sem estar relacionadas ao laço matrimonial ou para evitar que as mulheres engravidassem, Matthews-Grieco, descreve essa forma de relação sexual,

Com exceção da abstinência, o *coitus interruptus* era sem dúvida alguma a técnica mais usada, não somente pelos casais noivos e casados, mas também por casais ilegítimos, a crer no testemunho das Damas galantes do Senhor de Brantôme, que cita esta prática evocando os amores ilícitos das damas da corte. Era condenada como “pecado de Onan”: somente no começo do século XVIII é que esta referência bíblica à ejaculação da semente fora da matriz foi sobretudo identificada à masturbação. (2010, p. 248).

Esses “pecados” eram debatidos pela instituição da Igreja e do Estado pois interferia na entidade do casamento, segundo Matthews-Grieco,

Segundo os teólogos, era um pecado “contra a natureza”, assim o *coitus interruptus*, a sodomia e a bestialidade. Por conseguinte, era considerada como uma das mais graves transgressões sexuais. Supunha-se que os jovens que se entregavam ao sexo solitário perdiam seu interesse pelo casamento: “Os homens não vão querer casar-se, nem as mulheres tomar marido, quando por este meio satisfazem seus apetites impudicos, continuando assim pelos anos afora e, talvez, infelizmente, até o túmulo”. Pior ainda, se eles se casassem, esses jovens eram capazes de manter esse vício no leito conjugal, e portanto evitar a concepção. (2010, p. 275-276).

O *coitus interruptus* é uma prática individual que afeta o meio social do indivíduo, sendo motivo de preocupação da Igreja e do Estado no momento que prejudica a concepção dos filhos, “(...) ainda hoje, o posicionamento de numerosos fundamentalistas, judeus ou cristãos, que condenam qualquer contracepção sob o nome de assassinato, de crime contra a descendência, sendo o onanismo, sob essa ótica, um coito interrompido.”. (BRENOT, 1998, p. 30-31), tal concepção religiosa era fundamentado nas bases da medicina, pois, era do sêmen do homem que provinha os filhos da humanidade, segundo os médicos, era a parte vital que dava vida, por isso não deveria ser desperdiçado com a masturbação.

Acreditava-se que tal prática deteriorava o corpo do homem, afetando sua capacidade de reprodução e prejudicando seus futuros filhos, pois segundo os médicos, o hábito da masturbação poderia ser passado hereditariamente, como cita Dubreuil, na obra, *Estravios secretos, el Onanismo em las personas del Bello Sexo*,

Sendo, como de fato é, do maior interesse o conhecimento de tão fértil causa de doenças que é o onanismo, cujo efeitos estranhos não são limitados apenas aos

infelizes seres que estão sujeitos a ela, mas estendendo suas raízes de geração em geração fazendo milhares de vítimas. (1831, p.V).¹⁹

além da prática ser passada pelas gerações, ocorria casos de crianças que nasciam com alguma deformação física ou mental, serem julgadas como filhos de masturbadores, relacionando os atos dos pais ao fator de má formação da criança.

A medicina começa a debater as questões sobre a sexualidade humana e consequentemente a masturbação, como apresentado por Szasz: “Entre os novos cientistas, os médicos, como especialistas na posse mais indispensável do homem, o seu corpo, estavam em posição muito favorável para apresentar uma nova explicação para muitas das coisas antes atribuídas à feitiçaria.”. (1976, p. 214-215). Inicialmente a religião era a instituição que mais representava os debates sobre masturbação, atribuindo em alguns momentos esse ato aos demônios e a feitiçaria, “e esse domínio lhe vem através do controle e da manipulação dos atos sexuais. Pela sexualidade o Demônio pode apropriar-se do corpo e da alma dos homens.” (KRAEMER; SPRENGER, 2017, p. 19). Assim, os garotos praticantes deveriam estar enfeitiçados ou possuídos, devendo a Igreja e seus religiosos curá-los, tanto o corpo físico, quanto, o ser espiritual.

As crenças religiosas, principalmente a católica, ajudaram a influenciar a relação entre a prática sexual e sua associação a feitiçaria e aos demônios como controladores do sexo,

Pois [o diabo] [...] é perfeitamente capaz de, tendo assumido a forma corporal de uma mulher, envolver-se com um homem num ato carnal e receber a semente, e então, exatamente da mesma maneira, envolver-se em ato semelhante com uma mulher, lançar a semente recebida do homem no útero da mulher e gerar um homem dessa maneira. (CLARK, 2006, p. 454).

As bruxas e a figura do Diabo e dos demônios estiveram presentes no imaginário popular dos séculos XV à XVIII, orientando a população que determinados hábitos sexuais não deveriam ser realizados, como a masturbação, e se a mesma era colocada em prática poderia representar uma possessão de demônios ou alguma feitiçaria produzida pelas bruxas, se transformando em outro motivo que levava os jovens a manterem segredo sobre suas ações, apesar de alguns apresentarem sintomas de adoecimento.

Essas perspectivas levavam a convicção de que a religião poderia ser a salvadora desse hábito tão abominável. Na obra *Cartas...* lemos

¹⁹Siendo, como en efecto lo es, del mayor interes el conocimiento de una causa tan fecunda de enfermetdades cual es el onanismo, cuyos rainosos efectos no se limitan solo á los desgraciados seres que se sujetan á ella , sino que estendendo sus raices de generacion en generación hacen millares de víctimas – Transcrição original da obra.

(...) os males que vos apresenta, para que os cureis, um homem cuja constituição era boa, e que deve a malfadada vida que ao depois teve, ao vicioso hábito que só a religião, essa religião, tão desacreditada por miseráveis, forçou a abandonar, muito tarde, não há dúvida, para que possa contar com perfeito restabelecimento. (p.16).

demonstrando o poder da instituição da Igreja para salvar o corpo e a alma humana das pessoas, ajudando no combate ao ato nocivo da masturbação. Essa crença levava a religião a julgar os masturbadores juntamente com a medicina, pois os médicos e os padres eram as pessoas especialistas na cura e na redenção.

Porém, a feitiçaria como causa da masturbação não era a única proposta apresentada dentro da sociedade. Para a religião, as pessoas se utilizavam da masturbação como satisfação pois, estavam possuídas por uma entidade nefasta que buscava o desvirtuamento do homem e conseqüentemente uma punição divina sobre este; já, para a medicina a explicação utilizada era a da insanidade masturbatória, a explicação preliminar sobre as causas da masturbação foram relacionadas pelos médicos as doenças mentais, a insanidade, a loucura, os seus praticantes deveriam ser tratados como loucos e internados para o seu próprio bem e para o bem da sociedade.

O conceito de insanidade estava admiravelmente ajustado para substituir o conceito de feitiçaria. No entanto, assim como a feitiçaria tinha uma causa, e a recebia no pacto com o Demônio, também a loucura precisava ter uma causa. Por isso, apareceu a seguinte pergunta: o que é que causa a loucura, e como é que esta pode ser impedida e curada? (...) Se a necessidade é realmente a mãe da invenção, essa época deu à luz um gênio completo: propôs a idéia de que a loucura se deve a outro ato abominável - a masturbação. (SZASZ, 1976, p. 215).

Apesar da religião possuir um motivo explicativo sobre as causas que levam a masturbação e a medicina dispor de outro, os demônios e a insanidade, percebe-se que as duas visões estão interligadas e podem se complementar, como apresentado por Stuart Clark

Ninguém poderia sensatamente negar a possibilidade de que formas de demência podem ter estado presentes em exemplos particulares de comportamento de possessão no início da era moderna. Mesmo assim, ainda poderíamos querer questionar o pressuposto de que existe alguma coisa universal na perturbação mental por trás de explicações culturalmente relativas de suas causas e sintomas. E como essas explicações dos séculos XVI e XVII geralmente a ligavam conceitualmente ao demonismo – pois os demônios eram considerados a causa da loucura e não o inverso. (2006, p.502).

Sendo assim, o discurso médico e o discurso religioso, passaram a convergir, buscando assim a salvação das pessoas que praticavam tal ato, considerado nocivo à saúde, e pecaminoso frente à religião, os cuidados principalmente com os jovens aumentam, procurando uma educação familiar e social que trata de tais assuntos.

2.1 A SENTENÇA DAS DAMAS?

A tristeza do coração é uma praga universal, e a maldade da
mulher é uma consumada malícia.
(...)

Não há cabeça pior que do que a cabeça da cobra,
E não há ira sobre a ira da mulher. Será melhor expediente
viver com um leão e com um dragão do que habitar com
uma mulher má.
(...)

Toda a malícia é leve em comparação da malícia da mulher;
sobre ela caia a sorte dos pecadores.
(...)

Da mulher nasceu o princípio do pecado, e por ela é que
todos morreremos.
(Eclesiástico, 25:17- 22; 23-26; 33).

Ao olharmos o comportamento social, percebemos que a masturbação é praticada por homens e mulheres, porém, possui significados, tratamentos e visões sociais diferentes de acordo com o gênero que à está praticando, como aponta Michel Foucault na *Microfísica do Poder*,

... no século XVIII, o problema do sexo era o problema do sexo masculino, e a disciplina do sexo era colocada em prática nos colégios de meninos, nas escolas militares, etc. Depois, a partir do momento em que o sexo da mulher começou a adquirir importância médico-social, com os problemas correlatos da maternidade, do aleitamento, etc., a masturbação feminina adquire importância. Parece que no século XIX foi ela que prevaleceu. No fim do século XIX, em todo caso, as grandes operações cirúrgicas tiveram as meninas por objeto. Eram verdadeiros suplícios: a cauterização clitoriana com ferro em brasa era, senão corrente, ao mesmo relativamente frequente na época. Via-se na masturbação, algo dramático. (1979, p. 266).

Ao termos um primeiro contato com as pesquisas relacionadas a masturbação, observamos que os trabalhos mais atuais representam a masturbação feminina, deixando um questionando sobre a masculina e como ela foi estudada e incorporada aos estudos teóricos, médicos e sociais.

Ao tratarmos do assunto partindo de um pressuposto médico, os estudos envolvendo as mulheres possuem uma maior quantidade de informações, isso pode partir do fato delas serem consideradas por muito tempo como pecadoras, frente a concepção da Igreja Católica. Sendo assim, eram mais aptas a praticarem infrações sócias, causando o acréscimo no número de textos e estudos buscando compreender, curar e punir as mulheres masturbadoras.

Duby relata, “Ela já era mostrada como inimiga do ‘gênero masculino’, estendendo suas redes por todo lado, suscitando escândalos, rixas, sedições. Traidora – era Eva: ‘Quem convenceu a provar do que era proibido?’” (2013, p. 261). Segundo Duby e seus estudos baseados em uma perspectiva religiosa, por serem descendentes de Eva, a primeira “pecadora” do mundo, todas as mulheres carregam a mesma transgressão e são corruptíveis, logo, podemos considerar que o pecado é mais suscetível a mulher, do que ao homem. Devido a isso, durante o ato da confissão auricular as mulheres passavam por um verdadeiro interrogatório, conduzido pelo padre. Segundo o autor,

Então o interrogatório passa imediatamente ao essencial, ao pecado feminino por excelência, a luxúria, a busca do prazer. Seguem-se antes de tudo cinco perguntas sobre esse prazer que as mulheres têm longe dos homens, no segredo do “quarto das damas.” (...) Fizeste o que certas mulheres têm costume de fazer, fabricaste uma certa máquina do tamanho que te convém, uniste-a ao lugar de teu sexo ou a de uma companheira e fornicaste com outras más mulheres ou outras contigo, com esse instrumento ou outro? Ou então, tu te serviste dele para “fornicar contigo mesma”?. (DUBY, 2013, p. 265-266).

A satisfação sexual feminina usualmente está interligada com o homem, acreditando-se que ela não poderá sentir prazer se não estiver acompanhada de uma figura masculina, “O gozo da mulher sem a presença masculina parece ser particularmente intolerável” (CORBIN, 1991, p. 454), demonstrando assim o poder do homem em relação ao corpo da mulher, instituído principalmente através das relações de casamento. Vemos surgir o ato da masturbação, em que coloca em prática o gozo solitário dos corpos e do sexo feminino.

Pensando nesse contexto, o regramento do corpo da mulher se tornou mais intenso na sociedade europeia do séc. XVIII, e conseqüentemente surge como uma problemática médica a ser solucionada, pois, “a auto-suficiência é sinal, de certa maneira, de uma independência que não corresponde ao gosto dos homens.” (BRENOT, 1998, p.44), simbolizando o poder que o corpo social masculino refletia sobre as mulheres e suas ações. Em contraponto, o corpo masculino apesar de ser punido caso se revelasse como um praticante da masturbação, não era regrado no mesmo nível, pois o homem era considerado pela igreja, como, um ser com maior controle de suas ações.

O regramento do corpo feminino ocorria por parte dos médicos, com auxílio da sociedade, como aponta Dubreuil, “Senhora: Não posso deixar de bater palmas a ideia que você concebeu de formar uma sociedade cujo objetivo é orientar as mães da família daquela

região sobre uma causa de doença a que deveria a juventude. ” (1831, p.4)²⁰, demonstrando em sua obra *Estravios secretos...*, a presença da participação da própria comunidade lutando contra tal funesto hábito, sendo necessário uma orientação para que as jovens pudessem ser controladas, como ele afirma,

Aqui as mães encontrarão recursos preciosos para facilitar a feliz realização de sua delicada obrigação, e os professores médicos um número suficiente de fatos que manifesta a extensão e domínio que o vício tem na juventude, e o descobri-lo e corrija-lo. (1831, p.IV)²¹

Representando dessa forma, a criação de um “grupo” de apoio as mães, para identificar propensas garotas que praticavam a masturbação, tais ações reafirmam a repressão dos corpos.

A vigia sobre as mulheres era constante e estava baseada principalmente nas mudanças físicas das jovens, como questionado, “De onde veio a mudança rápida, senhorita? Essa extrema emaciação? Que significa a palidez de seu rosto, tão vermelha outras vezes? ” (Dubreuil, 1831, p.6)²², um dos vestígios caracterizados pelos médicos era a palidez dos corpos, representando que a prática era contínua, e como consequência, bloqueava a circulação normal do sangue, deixando suas praticantes fracas e aptas a cometerem essa transgressão novamente. Esses aspectos físicos normalmente serviam como identificador principal das jovens que praticavam a masturbação, devendo impedi-las.

Demonstrando, o fato do homem não ser tão penalizado quanto a mulher, apresentando uma regalia enquanto ser social, ou, de não ser julgado socialmente com a mesma intensidade que uma praticante feminina. Afinal, por mais que ambos praticassem esse ato, o fato de ser alguém do gênero feminino era visto como uma infração de maior rejeição, pois a mulher em si já era uma pecadora e seu ato de luxúria carnal demonstrava que ela estava se tornando independente do marido e desafiando seu papel enquanto reprodutora e mulher casada, como apresentado por Duby, “O que elas eram para os homens: corpos dados, tomados, postos como reserva para a qualidade de seu sangue, postos de lado quando não se podia tirar mais nada deles.”. (2013, p. 145–146), servindo primeiramente como armazenadoras dos

²⁰ “Señora: No puedo menos de aplaudir la idea que habeis concebido de formar una sociedad que tenga por objeto instruir á las madres de familia de esa comarca, de una causa de enfermedades á que debe la juventude” – Transcrição original da obra.

²¹ Aquí hallarán las madres de familia recursos preciosos que las faciliten el feliz cumplimiento de su delicada obligacion, y los profesores de medicina un número suficiente de hechos que les manifiesta la estension y dominio que tiene el vicio en la juventud, y el modo de descubrirle y corregirle – Transcrição original da obra

²² De dónde viene, señorita, el cambio que se ha verificado contanta prontitud? ese enflaquecimiento tan estremado? Qué significa la palidez de su rostro, tan encarnado otras veces?” – Transcrição original da obra

descendentes masculinos de seus maridos, assim, elas não deveriam se entregar a masturbação e corromper o meio familiar.

O matrimônio foi utilizado como uma forma de frear as ações sexuais de ambos, controlando as mulheres e satisfazendo os homens, “No entanto, o ponto forte é que, segundo ele, o casamento tem como virtude primeira justificar o prazer masculino, dissociar o gozo da “loucura”, instalá-lo às claras, isentá-lo de culpa. O casamento como remédio a fornicção.” (DUBY, 2013, p. 281). Com isso, ocorre uma dissociação social dos praticados, no momento em que a sociedade infere que deve buscar uma forma de satisfazer o homem dentro das normas impostas pelo governo e pela religião, ou seja, o casamento. Ao mesmo tempo que, reprime a sexualidade da mulher ao submetê-la aos desejos dos homens, fazendo com que eles pudessem usar suas companheiras para contentar seus desejos sem infringir nenhuma norma social, como ocorria com os masturbadores.

Porém, com a inserção do Catolicismo na sociedade europeia ocidental e suas normas, a masturbação ou qualquer ato ligado ao toque corporal acabou sendo considerado um pecado, pois os prazeres carnis desvirtuavam os fiéis de seu caminho até Deus, com isso, surgiram diversas pregações proibindo qualquer tipo de contato sexual fora do matrimônio, e mesmo nesse caso existiam regras que controlassem essa relação, como é apresentado na Bíblia:

Vós todos considerai o matrimônio com respeito e conservai o leito conjugal imaculado, porque Deus julgará os impuros e os adúlteros. (Hebreus, 13:4).

A mulher não pode dispor de seu corpo: ele pertence ao seu marido. E da mesma forma o marido não pode dispor do seu corpo: ele pertence à sua esposa. Não vos recuseis um ao outro, a não ser de comum acordo, por algum tempo, para vos aplicardes à oração; e depois retornais novamente um para o outro, para que não vos tente Satanás por vossa incontinência. (I Coríntios, 7:4-5).

O órgão genital feminino era tratado com extrema repulsa pelos médicos e pela sociedade, “o clitóris é chamado o desprezo dos homens” (BRENOT, 1998, p. 42). Afinal ele era a fonte de prazer e conseqüentemente de destruição da mulher, “É o clitóris que, igualando-se ou ultrapassando em tamanho o órgão masculino, induz essas mulheres a um desejo sem limites. É esse clitóris culpado que é preciso cortar, queimar, castrar, a fim de trazer os impulsos à normalidade” (Idem, p. 42), sendo assim, era necessário descobrir uma forma de interromper tal prazer.

Como forma de controle dos corpos femininos a medicina inicia sua atuação acerca dos atos masturbatórios, em relação as mulheres, o tratamento que apresentava resultados

mais satisfatórios eram as cirurgias desenvolvidas contra esses males. Carneiro observando a sociedade europeia nos apresenta que, “Até os anos 40 do século XX, os manuais de pediatria continuavam a condenar as práticas masturbatórias e propor como ‘terapia’ a circuncisão completa das meninas, a cauterização do clitóris ou meios mecânicos de coerção.” (2000, p. 101), buscava-se a perda do sentir sexual, acreditava-se que se ela não sentisse prazer, que partia do clitóris, a prática da masturbação iria cessar.

As operações para a retirada do clitóris, eram embasadas pelos médicos no argumento de que, o órgão, não era essencial para a mulher, pois, “Reencontra-se aqui a hostilidade que os médicos do século XIX demonstram diante do clitóris, simples instrumento de prazer, inútil na procriação. ” (CORBIN, 1991, p. 454), reafirmando a busca dos médicos em remover o órgão que gera o prazer feminino, acreditando que a causa dos males da mulher era a sua satisfação sexual, devendo interromper a mesma. Em algumas culturas religiosas, a mutilação do órgão genital feminino é comum, cultural e ritualístico, ocorrendo ainda no período da infância, acarretando no desconhecimento da satisfação sexual ao ser iniciar as práticas do sexo, com isso, acreditasse também que a mulher não irá se inserir nas práticas masturbatórias, pois não possui o principal órgão que causa o seu prazer.

Um fator que surge com essas práticas é a criação de instrumentos que auxiliam na satisfação do prazer, além das mulheres que praticavam a masturbação utilizando as mãos é introduzido o uso de objetos feitos normalmente por elas mesmas que auxiliavam no cumprimento do gozo, como citado durante um interrogatório retirado do manual *Decretum*, do livro *Eva e os padres*,

Fizeste o que certas mulheres têm o costume de fazer, fabricaste uma certa máquina do tamanho que te convém, uniste-a ao lugar de teu sexo ou ao de uma companheira e fornicaste com outras más mulheres ou outras contigo, com esse instrumento ou outro? Ou então tu te serviste dele para “fornicar contigo mesma”? (DUBY, 2013, p. 265-266).

As práticas da masturbação são diversificadas e se ampliam com os conhecimentos comuns que surgem. Para as mulheres a masturbação representa a sua independência sexual, uma independência que pode ocorrer sem estar sob o domínio masculino, demonstrando que para elas a necessidade de sentir o prazer era importante, apesar de serem julgadas como bruxas pela Igreja e como loucas pelos médicos, ainda sim continuavam com a prática da masturbação.

2.2 A ALEGORIA DO GOZO

A masturbação está inserida no contexto social, apresentando debates sobre as formas que as pessoas observam e se relacionam com a temática da sexualidade, como descrito por Engel, “Outro ponto importante é o fato de que as vivências ou as práticas dos sujeitos históricos jamais podem ser vistas e compreendidas isoladas do contexto cultural em que são produzidas e difundidas e que lhes confere um sentido próprio e específico.” (1997, p. 308).

Esse costume é traçado na humanidade com base nas experiências dos seus praticantes, e por muito tempo, os médicos e religiosos utilizavam esse pecado como fator resultante para explicar e julgar os casos extremos das consequências dessa prática que ocorriam com os jovens, como descrito por Jacques-Louis Doussin Dubreuil, na introdução das *Cartas...*

Vós me encheis de alegria, Sr., dando-me parte de haverdes totalmente renunciado ao vosso funesto hábito: assim escapareis a prematura morte. Lembrai-vos, porém, de que nunca estareis a salvo, e que não aproveitareis realmente a vitória alcançada sobre vós mesmo, sem que vossa alma seja pura. (p. 9).

A masturbação, considerada como um ato vicioso, era julgada pela religião como um pecado, fazendo com que seu praticante não adentrasse os céus, e, pela medicina era julgada como uma prática nociva a saúde individual e social, em ambos os casos se acreditava que tal ato poderia resultar na morte de seu praticante. Porém, apesar de ser tratada como um sacrilégio, a masturbação e o corpo eram retratados nas obras de artes do século XIX e anterior a este apresentando o gozo dos desejos corporais, e não julgando como uma prática que poderia levar os jovens a enfermidade e conseqüentemente a morte. Como apresentado na tela do pintor francês Victor Prouvé (figura 2), em que a própria nomenclatura da tela, *Las Voluptuosas* (1889), nos remeta a sexualidade e as libertinagens envolva desta.

A impressão extraída da pintura é justamente o fator que a igreja e os médicos pretendiam evitar, pois uma possível admiração de quadros com essas representações poderia levar os jovens a pensamentos masturbadores e conseqüentemente se tornar uma prática entre eles. A masturbação no período da idade moderna, apesar de iniciar um período de controle, era reproduzida pelos artistas, o corpo e a sexualidade se tornaram peças principais de várias obras, expondo através da imagem o que era proibido comentar livremente na sociedade.

Figura 2: Las Voluptuosas.



Fonte: Banco Comparativo de Imagens, Warburg.

Nota: Obra de Victor Prouvé, 1889. Óleo sobre tela. Museu das Belas Artes, França

O tema da masturbação move-se nos mais diversos setores de cultura, aparecendo nas obras literárias, no cinema e como ilustrado anteriormente nas obras de artes. As telas, tem como função transmitir o sentimento de prazer demonstrado pelos personagens aos observadores do retrato, expressando ao espectador a possibilidade de imaginar o cenário retratado, como é representado na obra, *Socrates and Alcibiades* (figura 3), presente no livro *De Figuris Veneris*, publicado pelo filósofo alemão Friedrich Karl Forberg, em 1824, o mesmo apresenta algumas representações de prováveis práticas sexuais greco-romanas, olhando principalmente para o corpo masculino e sua satisfação, retratando este como um objeto de luxúria e júbilo.

No século final do século XVII e início do XVIII, era importante para os artistas reproduzirem o vigor dos homens frente a sociedade, e o mesmo era transmitido através das figuras dos corpos nus. Não estava estabelecido o pudor religioso nas sociedades gregas e romanas, assim era considerado normal os artistas pintarem os corpos em seu estado puro de natureza. Pois a masturbação e o ato sexual não eram tão fortemente recriminados, como apresenta Foucault na *História da sexualidade*,

O valor do próprio ato sexual: o cristianismo o teria associado ao mal, ao pecado, à queda, à morte, ao passo que a Antiguidade o teria dotado de significações positivas. A delimitação do parceiro legítimo: o cristianismo, diferentemente do que se passava nas sociedades gregas ou romanas, só o teria aceito no casamento monogâmico e, no interior dessa conjugalidade, lhe teria imposto o princípio de uma finalidade exclusivamente procriadora. (1984, p. 21).

Figura 3: Ilustração: Sócrates and Alcibiades

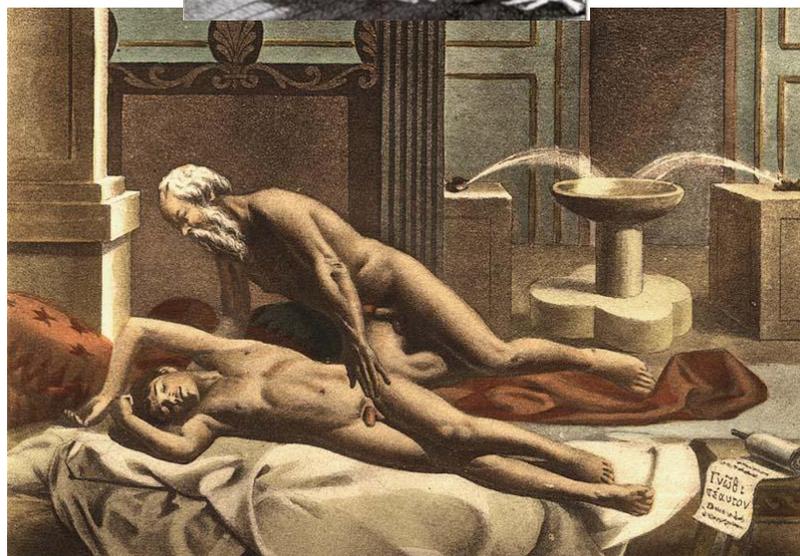
Fonte: De Figuris Veneris.

Nota: Obra de Édouard-Henri. 1824.

Retratando duas visões sobre o ato, o prazer surgido e a repulsa social sobre o mesmo, percebemos através da gravura de Jules-Adolphe Chauvet (figura 4) que diferente das imagens anteriores o órgão sexual e consequentemente a sexo e a masturbação são



Figura 4: Gravura: Onanismo, na visão de Jules-Adolphe, século XX



apresentados em uma cena de estranhamento.

Fonte: Revista de História da Biblioteca Nacional. Nº 112, Jan. 2015.

Com o auxílio da obra *Cartas...* de Dubreuil, conseguimos analisar como a masturbação foi representada dentro da sociedade, principalmente a europeia dos séculos

XVIII e XIX, se utilizando ainda de outras fontes (religiosas, artísticas...) para observar como essa prática surge e se dissemina, refletindo, sobre o poder dos médicos no imaginário popular, e quais as suas concepções sobre a masturbação enquanto uma “doença” letal ao ser humano. A masturbação não modifica apenas o ser individual, mas sim, o corpo social sob a qual ele faz parte e suas ações são refletidas nas pessoas que convivem ao seu redor.

3. MÉDICOS X MASTURBADORES

Nem todos os que se entregam a esse odioso e criminoso hábito são punidos tão cruelmente, mas não existe um único que não padeça de alguma forma.

(Phillip Branot)

Eis o drama de um masturbador. Não sabemos seu nome. O pecado/crime que cometeu não é coisa fácil de confessar, tão vergonhoso e nefasto.

Aos 16 anos teve uma doença, mas não se persuadia que fosse consequência dos excessos que se dão os rapazes.²³ Em princípio sentia dores de ventre, picadas no lado, dores de cabeça contínuas e grande fraqueza, que o dificultavam até o levantar-se da cama. Não podia subir escadas e nem falar, sem ficar fatigado. Tinha a visão tão fraca, que não podia ler nem escrever. O médico atribuiu todos esses males ao fígado e receitou pílulas por mais de quatro meses, que nosso jovem tomou regularmente, todos os dias, de 10 a 24. O remédio o fazia “obrar” constantemente e debilitava-o muito. O médico dizia que tinha “ventre duro” e que isso se dissiparia. Mas, vendo ele que o jovem não melhorava, pergunto-lhe se tinha o hábito de se masturbar. O jovem respondeu que “à noite gostava de adormecer com a cabeça cheia de ideias lascivas, e praticava muitas vezes ao dia aquele ato. No início cedia à necessidade de gozo, regularmente de 15 em 15 dias, depois, de seis em seis dias, até que já não conseguia esperar”. Relatou ainda que, “quando em sonhos me masturbava”, ao acordar estava mal e em grande agonia. Após comunicar o médico o tratamento foi iniciado, porém o poder da imaginação era grande e novos sonhos ofereciam novos episódios de masturbação. O médico receitou quina, três doses por dia, porém as forças “não retornavam”, receitou também exercícios, alimentação a base de carne e proibiu o consumo de legumes, licor, café e chá. Como a situação não estava melhorando, foi entregue ao rapaz uma obra a respeito da masturbação, buscando que a descrição do livro ajudasse ele a se governar. Segundo o jovem, “Minha imaginação foi fortemente abalada pelas descrições do livro e conhecendo meu estado, só me restava esperar pela morte.” Seguindo os conselhos do livro, ele começou a amarrar as mãos para dormir. Se achava tão fraco que o menor calor lhe ocasionava “pollução”. Tinha voz rouca, tossia o durante o dia e a noite, sentia febre baixa, que “sempre aumentava depois da masturbação”, sentia calafrio, não

²³ O relato é o undécimo na obra de Dubreuil, às páginas 25-33. Mereceu cerca de 8 páginas do texto. Aqui tem algumas alterações que não modificam o teor do conteúdo, para dar mais fluência à leitura.

podia ler, escrever, nem andar e já não tinha memória. Cada vez que urinava era obrigado a lavar as partes com água fria, tinha os nervos sensíveis e fracos. Para restabelecer o estomago, aconselharam viagens e distrações. Ele foi para Bruxelas e Oostende, porém não melhorou. Voltando para casa, o médico receitou uma mistura de quina, canela e aço, tomava uma colher pequena de seis a oito vezes ao dia, bebendo ao mesmo tempo vinho de Bordeos e água de Spá. O estado completo era: tinha “polluções” diariamente, o estomago é uma das maiores dores, não como nada, não consigo tomar nem um copo de água, se caminho por cinco minutos já sinto dores e sou forçado a parar, sofro espasmos o dia inteiro. Atualmente, “tenho alguém que me vigie à noite, o menor calor me causa ereção, não durmo se não de três em três horas, não posso dormir de costas. Uso um cinto de madeira sobre o ventre para impedir que o cobertor toque a parte. Sofro com muito cansaço.” Esse triste moço, morreu a 14 anos, após uma agonia de 48 horas. No último ano de sua vida teve a coragem de passar as noites sentado em uma cadeira com um colar ao pescoço, e as duas mãos presas por cordas aos braços da cadeira, assim, supunha que ele iria perder seu mortífero hábito, seu irmão o vigiava e muitas vezes precisava acordá-lo, pois, o rapaz muito agitado tentava se soltar para ir com as mãos às partes genitais. No final de um ano, confessou que “não poderia resistir ao desejo de se masturbar” desde então ficou sem os remédios e foi de mal a pior, dois dias depois seus parentes, desesperados, tiveram a dor de o ver acabar com a triste vida.

O caso citado acima, que pode parecer bizarro ou assemelhar-se a roteiro de filme aos olhos de quem o lê nos dias de hoje, ilustra o drama dos masturbadores.

Devemos, ao estarmos diante de fontes dessa natureza, considerar a época em que foram produzidas, levando em conta que as regras acadêmicas ainda não haviam atingido o rigor atual. Citam-se autores que são também eles médicos, que falaram sobre suas próprias experiências, sem que necessariamente isso tudo tenha sido resultado de pesquisa mais criteriosa, ao menos como encaramos a pesquisa nos dias de hoje. É o exemplo da citação que faz Dubreuil: “Salmuth nos diz que dois indivíduos, que se haviam dado a masturbação, enlouquecerão, e que o cérebro de um tão prodigiosamente tinha dessecado, que se ouvia chocalhar no crâneo.” (p. 37 e 38). A descrição, que acentua aspectos fantásticos daquilo que se acreditava serem as consequências do onanismo, relato surreal, parece apostar no detalhe burlesco, caricato e quase cômico, para fazer suas teses serem ouvidas.

Acreditava-se que a masturbação possuía diversos riscos para a saúde, pensando nesse aspecto, Doussin Dubreuil reúne 19 relatos (Tabela 2) de praticantes desse ato prejudicial ao corpo, como ele apresenta na introdução das suas *Cartas*, “aqui junto extratos de muitas memórias que me dirigiram ou trouxeram alguns doentes, que deviam seu infeliz estado a excessos do mesmo gênero.” (p. 10). A junção dos relatos apresentados pelo autor serve como um manual, obra médica didática descrevendo as características das pessoas que passaram por esse vício, mostrando algumas formas de tratamentos e como identificar quem eram os praticantes. Os relatos apresentados por Dubreuil, reais ou ficcionais (quem sabe um recurso do autor para atribuir ares de veracidade aos relatos), relatos universais, trazem

descrições de circulação corrente de sintomas, tratamentos e de como os masturbadores se iniciavam na prática. Os depoimentos que o autor apresenta muito se parecem com prontuários médicos, com relatos e anotações sistemáticas feitas por em seus consultórios.

A obra, como recomendada pelo próprio Dr. Dubreuil, não se restringe aos pares, ainda que estes também possam aprender, mas seu alcance deveria ser mais amplo: “Lisonjeio-me que meus Colegas principiantes, que lerem esta obra, encontrem nela algumas ideias que só se podem adquirir por via de longa prática de observar, e espero que ela seja lida com desvelo pelos pais de família, e pessoas a quem está encarregada a educação da mocidade.” (p. VIII, ao final do Discurso Preliminar).

Não é um manual destinado à formação de médicos apenas, nem escrito apenas para esse fim, mas compõe um conjunto de “manuais que pretendiam estabelecer um diálogo entre o saber sistematizado na área e o público leigo”, desempenando um “papel de divulgadores do conhecimento médico, estabelecendo uma comunicação entre o saber acadêmico (estruturado e sistematizado) e o conhecimento popular.” (FIGUEIREDO, 2005, p. 61 e 65). Dubreuil, a julgar por um depoimento registrado à página 24, escrevia também em jornais, o que era comum à época.

Nos estudos médicos “a masturbação é reconhecida em todos os países como causa comum da insanidade.” (SZASZ, 1976, p. 219), partindo desse pressuposto ela se torna conhecida como uma doença, devendo ser observada e tratada pelos médicos, em alguns momentos, resultando em morte caso fosse descoberta tardiamente ou mantida em segredo por seu praticante. No dia 20 de dezembro de 1858, na seção “Obituário”, o jornal carioca Correio Mercantil, informou o sepultamento de 22 pessoas “livres”. Dentre os sepultados, que o periódico informou a procedência, idade e a *causa mortis*, lê-se o nome de Manoel Justino Monteiro, português, de 19 anos, cuja causa da morte foi Onanismo.²⁴

Morte voluntária a do onanista, comparada a morte do suicida. Dubreuil cita uma pergunta formulada por Tissot: “Os que se matão a tiro de pistola, afogam voluntariamente, ou se degolam, são mais responsáveis pela sua morte? Serão mais suicidas do que este homem.? ” (p. 40).

²⁴ Correio Mercantil, segunda-feira, 20 de dezembro, edição 344. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=217280&pesq=onanismo&pasta=ano%20185&pagfis=15589>. Acesso em: 30 out 2020.

No terceiro extracto das cartas de Doussin Dubreuil, um jovem relata a morte de seus companheiros, causada pela masturbação.

Impossível é descrever-vos quanto sofri; meus padecimentos, porém Sr., nada seriam para mim, se me não recordasse amiudadas vezes da desdita de meus camaradas a quem eu perverti, em cujo número se contam alguns, já falecidos em consequência do vício que lhes ensinei, depois de haverem suportado horríveis dores, e feito a desesperação de suas famílias. (p. 13).

Observando que as mortes dos jovens poderiam estar relacionadas ao ato da masturbação, os médicos começam um trabalho intenso de controle dos corpos biológicos e consequentemente social, buscando diminuir a prática do ato.

É interessante no excerto acima, que o relator afirma ter pervertido outros, de ter-lhes ensinado esse vício. Como aparece em outros relatos de *Cartas...*, e é possível encontrar facilmente na literatura da época, a prática da masturbação, “vício solitário”, sendo levada a cabo no coletivo. Apesar de “solitário”, o vício precisou de outro para se aprendido. De alguém que o “iniciou”.

São interessantes as constantes afirmações de que alguém induziu (“iniciou”) o masturbador nesse “funesto hábito” (p. 9): dificuldade de assumir, confessar o crime, atribuindo a culpa a outrem? Por outro lado, poder-se-ia questionar, sob a perspectiva do iniciador, do porquê da necessidade de “iniciar” outros. Ritual de iniciação à uma vida sexual, marco que deixa para trás a infância e a inocência? A recorrência à ideia de que essa forma de prazer é solitária, caminha lado a lado com a insistência em afirmar que alguém ensinou, que alguém esteve junto. A descoberta do prazer solitário se dá, no mais das vezes, na companhia de alguém. Muitas vezes são homens feitos que iniciam jovens imberbes. É particularmente sugestivo o título de uma obra desse gênero, publicada no Brasil em 1901, de autoria do Dr. Pierre Garnier: *Onanismo. Só e a dois, sob todas as suas formas e suas consequências*. A edição brasileira tem 551 páginas, o que nos dá uma ideia do espaço dedicado pelo autor ao tema. Na folha de rosto aparece, no topo da página *Hygiene da Geração*.²⁵

A idade em que se inicia a puberdade, como dito antes, é normalmente apontada como a idade de “iniciação” na prática onanista. Para Dubreuil, um problema grave, já que, além de todos os males daí decorrentes, há o agravante de que o organismo não encontra-se bem

²⁵ GARNIER, Pierre. **Onanismo só e a dois sob todas as suas formas e suas consequências**. H. Garnier. Rio de Janeiro: H. Garnier, livreiro-editor, 1901.

constituído: “A constituição de nosso corpo, e o desenvolvimento ainda imperfeito de seus órgãos em idade pouco avançada, não deixam lugar a duvidar do irreparável dano que este vício traz consigo.” (p. 43). Em vários dos relatos contidos na obra, os depoentes dizem não ter seus órgãos genitais totalmente acabados, sem atingir uma constituição plena na idade adulta.

No Brasil, a historiadora Mary del Priore nos ajuda a pensar tais práticas de iniciação sexual:

A adolescência era também a idade da iniciação sexual. Os rapazes principiavam com frutas – como a melancia –, árvores ou animais. O onanismo – ou masturbação – era severamente condenado. Ao jovem que se masturbava, fazia-se medo com o Mão de Cabelo e outros monstros do folclore. As flores vermelhas do mandacaru, os ocos de bananeira, a simples galinhas ou as ancas largas das vacas, tão úteis nos primeiros passos da vida sexual, passaram a ser perseguidas por pais, médicos e confessores. A masturbação destruía famílias. Dizia-se que não apenas fazia mal à saúde, como prejudicava o trabalho e os estudos por esgotar as forças. Suprimiam-se os bolsos das calças. Ameaçavam-se as meninas bonitas de ficarem feias. Proibia-se dormir de dorso. Eram proibidas as leituras picantes – “as pestilenciais novelas” ou a poesia erótica, assim como a ingestão de chá e vinho. Nos livros de medicina, a descrição dos masturbadores não variava: hálito forte, gengivas e lábios descorados, espinhas em toda a parte e perda de memória. [...] Adolescência significou, durante séculos, a passagem entre o mundo infantil e o adulto. Mas não só. Tais passagens obedeciam a rituais precisos que implicavam em afirmar a identidade de determinada faixa etária, mas, também, de grupos vinculados a condições de vida diferentes: na cidade ou no campo, entre jovens pobres ou ricos, educados ou analfabetos. E se durante séculos a noção de adolescência foi conotada negativamente, foi preciso esperar o século XX para inaugurar uma fase positiva e uma nova leitura desta fase da vida. (PRIORE, 2016, p. 338 - 339).

No trecho acima, da obra *Histórias da gente brasileira* (vol. 1 – Colônia), a autora descortina o universo da adolescência e o imaginário do Brasil Colônia em torno da masturbação, suas terríveis consequências e tentativas de impedimento. O vício não escolhia condição social. Dubreuil apresenta um caso de um garoto francês que morreu com apenas 13 anos, “idolatrado”, a quem lhe haviam “poupado trabalho, constrangimento e aplicação de espírito, tudo, em uma palavra, quanto o podia fatigar.” (p. 42). O autor, considerando a condição confortável em que o menino era criado, atribui os males que sofria, com a pele extremamente seca a uma “violenta causa [que só ela] podia efetuar o retrocesso da transpiração para o centro”. (p. 42).

Em um dos relatos, a vítima informou ao Dr. Dubreuil que quem o iniciou foi “um rapaz vadio” (p. 24). O autor considerava os iniciadores, também eles, vítimas do vício nefando (muito provavelmente, também eles haviam aprendido com outro, que aprendeu com outro e assim por diante), que, ao invés de condenação, precisavam de instrução e de um poderoso testemunho:

Longe de vos aconselhar, Sr., que abandoneis aqueles amigos, que vos instruíram no vício da masturbação, eu vos peço que vos interesseis pela sua sorte. Vós o sabeis, a maior parte d'eles é digna de nossos desvelos: apressai-vos pois a comunicar-lhes a mudança que em vós se efetuou, e os motivos que a produziram; rogai-lhes com instância que sigam o vosso exemplo, deixando de ultrajar a natureza; representai-lhes o tropel de males a que se eles expõem. (p. 9-10).

Eis os conselhos de Dubreuil. Conhecedor da natureza humana, preocupado em restaurar a saúde dos debilitados pelo vício, mais do que apontar suas fraquezas de caráter.

O olhar sobre essa “doença” se modifica ao longo dos períodos, surge sendo tratada como uma feitiçaria, ação do demônio, sendo combatida religiosamente, logo após, é articulada no campo médico, sendo tratada por psiquiátricos, como uma doença mental que demonstrava a insanidade do paciente, devendo isola-lo da sociedade e trata-lo até cessar tal prática. Szasz apresenta em seu livro *A fabricação da loucura* que,

Na primeira metade do século XIX, a masturbação gradualmente se torna definida como um problema psiquiátrico; na segunda metade do século, inicialmente os cirurgiões e, depois, os psiquiatras, se tornam especialistas auxiliares, os primeiros como especialistas na cura da “doença” e os últimos como especialistas na prevenção de seu desenvolvimento. (1976, p. 218).

Demonstrando que a masturbação adquire o status de “doença”, sendo relacionada principalmente com a insanidade. Os médicos assumem um intenso trabalho de mapear os sintomas causados pela masturbação e principalmente conseguir identificar com base nas informações reunidas, quem eram os masturbadores, para, a partir dessas informações buscar um tratamento e uma “cura”.

Nos séculos XVIII e XIX vemos surgir nessa doença implicações e causas relacionadas a insanidade, segundo a crença médica, o motivo mais plausível para os jovens cometerem tal ato era a loucura, problema esse, que poderia ser passado para suas gerações. “O castigo pela masturbação é a insanidade futura, gerando filhos que ficarão loucos” (SZASZ, 1976, p. 218), essa preocupação reafirmava que apesar da masturbação ser uma prática solitária dos homens e mulheres, considerava-se que seus efeitos eram prejudiciais socialmente, e sua disseminação deveria ser controlada o mais breve possível, fazendo com que, não apenas, a Igreja e a Medicina se juntassem no combate ao vício solitário e o controle dos corpos, mas também o Estado.

Dubreuil se utiliza de outro interlocutor para se expor sobre a necessidade de vigilância por parte de governantes: “Segundo o Doutor Frank, os masturbadores são não só pesados à Sociedade, mas até perigosos. Por isso este celebre médico convida os Governos a ter com eles ativa vigilância. ”, acentua Dubreuil (p. 64). No Brasil, o onanismo, questão de

saúde pública, foi alvo de debates no Senado Federal, em discussões sobre o exercício da justiça e as condições das prisões²⁶.

A função principal dos órgãos genitais é a reprodução, porém, não é sua única atribuição, podendo ser também de ordem libidinosa, é de ordem da natureza que os seres humanos sintam sensações de prazer com o estímulo dos órgãos. Mas, para a classe médica, tal desejo deve ser saciado no momento das relações entre os cônjuges, assim, as pessoas que buscam o prazer solitário são consideradas depravadas, precisando serem monitoradas e punidas por seus atos.

Doussin Dubreuil, apresenta em suas duas primeiras cartas diversos relatos de jovens que praticavam a masturbação, ou de conhecidos que descrevem as situações que aqueles moços passaram, tais relatos se tornaram fundamentais para os médicos e suas pesquisas, conseguindo apresentar a sociedade quais eram os sofrimentos causados por essa “doença”, porém, como apresenta Brenot (1998, p. 73), “A confissão da masturbação é um exercício de alto vício que poucos ousaram, e sempre de maneira sumária, alusão velada, lembrança carregada de culpa, raramente em voz clara e forte”. Logo, apesar de existir algumas obras com mais relatos particulares (Tissot, *L’Onanisme*), confessar ser um praticante era algo que ainda estava atrelado a uma culpabilidade social.

A partir dos relatos presentes na *tabela 2*, analisamos que a média de inserção dos moços nesse hábito ocorria, na maior parte dos casos, entre os 11 e 20 anos (exceção foi a morte de um garoto de 9 anos, registrada à p. 48) de idade e suas influências apesar de serem diversas possuem uma semelhança constatadas pelos médicos, “Mas de todas estas causas, as de que devemos desconfiar mais são o ensino, a provocação e o exemplo. Esta calamidade tende a propagar-se especialmente nos lugares em que a mocidade se acha reunida em grande numero, como collegios, seminários, etc.” (CHERNOVIZ, 1890, p. 525), observamos que muitos masturbadores não começam essa prática apenas por vontade própria, mas são auxiliados por colegas e outros homens que já praticavam tal ato.

²⁶ Jornal Diário do Rio de Janeiro. Quarta-feira, 10 de junho de 1857, p. 2. Edição 157. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=094170_01&pesq=onanisme&pasta=ano%20185&pagfis=44807. Acesso em: 03 nov 2020.

Tabela 2: Relatos das cartas I e II²⁷

Carta I – relatos/ extratos de experiências					
Extratos	Idade do correspondente	Idade que começou a práticas a masturbação	Influência	Sintomas	Tratamentos
1º	22	15	*	Nervos em deplorável estado, dificuldade de digestão, magreza, rosto pálido e desfigurado.	*
2º	24 e meio	Começou a se masturbar na infância	*	Dores de cabeça, epilepsia (depois dos 12).	*
3º	23	14 aos 18	Influencia da profissão militar Perverteu seus camaradas Alguns faleceram em consequência do vicio que ele ensinou.	Dores fortes	*
4º	35	Idade da puberdade	*	Caiu em melancolia e afeições hipocondríacas, as funções do estomago e do intestino ficaram maus. Perda de memoria, e huma espécie de estupidez	*
5º	*	11	Começou as 11 com os ensinamentos de um colega do colégio, praticou até os 21.	Magreza, palidez, dores extremas.	*
6º	32	16	Aprendeu com um amigo que muitas vezes presenciou o ato	Palidez, problemas de digestão, Dentes “desagradáveis a vista” Pele seca; digestões difíceis e dolorosas.	*
7º	*	15	Quando morou em uma pensão para estudar foi ensinado pelo seu colega de quarto. Tentou corromper outro rapaz, porem aquele repeli-o.	Sintomas: dores no corpo, magreza.	(...) com os remédios que tomei para estancar polluções. (...) Hum amigo, que me aconselhou o uso do cozimento de álamo pyramidal (...) outro amigo, que aprendia cirurgia, o qual me ordenou que tomasse pílulas mercuriais e banhos. (...) se me quisesse sujeitar ao uso do licor de Van-Swieten, cousenti em tomar duas garrafas e

²⁷ O texto presente na tabela foi retirado da fonte e optou-se por transcrever sem alterar a gramática do texto. Os quadros que possuem “*” representam que o dado não foi apresentado nas *Cartas*

					meia d'água distillada, em que se dissolverão 25 grãos de sublimado corrosivo.
8º	38	14	*	após 6 meses de prática leu o <i>Tratado de Tissot</i> e parou porem a saúde já estava debilitada demais. Poluições noturnas, hemorroida, problema de digestão.	Muitos remédios me forão aplicados, quina, banhos frios e leite.
9º	19	15	*	Febre, poluições noturnas, sentia frio, não sentia satisfação, prazeres insípidos, dores no estomago.	(...) tive huma febre lenta, que os médicos caracterisarão de febre de nervos, e que attribuirão á sua verdadeira causa. Fizerão-me tomar banhos tépidos, que me fizeram muito bem. (...) me vi obrigado a consultar medico, que me receitou xarope anti-scorbutico, e me aconselhou ao depois que bebesse aguas de Pogues
10º	20	17	Aprende com um rapaz com quem pernoitou.	Dificuldade para andar, fraqueza nos rins, coxas e pernas, magreza.	*
11º	*	16	*	Dores no ventre, dores de cabeça, sonhos com masturbação, nervos fracos. (...) Eu tinha a voz rouca, tossia de dia e de noite; sentia febre lenta, que sempre augmentava depois da masturbação; sentia então calafrios, e não podia ler, escrever, nem andar; já não tinha memoria.	O medico receitou-me quina, da qual tomei três doses por dia (...) receitou-me exercício, porque eu comia mui pouco: prescreveo-me carne, e proibio-me legumes, licor, café e chá. Tomei muito leite puro. (...) deo-me mistura de quina, canella e aço: tomava huma colher pequena seis e oito vezes ao dia, bebendo ao mesmo tempo vinho de Bordeos e agua de Spá.
Carta II					
1º	*	16	*	Lassidão, mau humor, tristeza, fraqueza, perda de memória e juízo.	*
2º	21	14	Começou a entrar em uma “grande” escola, onde esse vício era bem conhecido pelos alunos.	Dificuldade de respirar, inchaço no corpo, ereções frequentes.	*
3º	26	20	• (Obs: Relato	Perda de semente involuntariamente, debilidade	*

			apresentado por um amigo do jovem)	das faculdades intelectuais, perda de sono, vermelhidão no corpo, dores de cabeça.	
4º	28	16	Iniciou nesse funesto habito através do seu professor de música. (Obs: Relato apresentado por um amigo do jovem)	Fadiga, febre, dores, problemas para dormir e acordar.	Obs: Foi neste misero estado que lhe fornecerão ocasião de ler a obra de Tissot, <i>do Onanismo</i> , e a de Gillert, <i>Zedekundige Lessen</i> (Instrução a respeito dos Costumes)
5º	24	15	Aprendeu com os colegas da escola	Palidez, cansaço, suor.	*
6º	*	14	*	Perda de semente, magreza, perda de memória	Obs: Foi então que pela primeira vez tive ocasião de ler Tissot.
7º	*	*	*	Perda de semente, excessivos suores, dor para urinar.	*
8º	16	*	Obs: Relato apresentado por um amigo do jovem	Corpo com coloração amarela, dores de cabeça e pés, sono inquieto e interrompido, perda de sementes noturnas, sem forças.	Obs: Vosso livro, e os escriptos de Saltzmann e Oest lhe pozerão a descoberto o horroe de sua sorte.

Fonte: Tabela elaborada pela autora, 2020.

Formato simples, padrão nas obras desse gênero, publicadas à época: Doença – sintomas/consequências no caso de não haver tratamento – tratamentos.²⁸

As consequências desses atos são devastadoras para a alma e o corpo de seu praticante, como descrito no relato de dois jovens, “Eu tinha a voz rouca, tossia de dia e de noite; sentia febre lenta, que sempre aumentava depois da masturbação; sentia então calafrios, e não podia ler, escrever, nem andar; já não tinha memória. ” (p. 29); “Faço meia volta, batendo involuntariamente com a planta do pé no pavimento; caio depois no chão com os membros inteiriçados, dentes apertados, e a ponta da língua entre eles (os incisivos); a face e as mãos se me fazem lívidas. ” (p. 17-18), a narração dos jovens que sofreram com as causas da masturbação são as mais diversas, os manuais médicos apresentam uma listagem de sintomas sofridos. Sintomas que poderiam ser utilizados pelos médicos para identificar na sociedade quem eram os masturbadores, um dos mais aparentes era a palidez e a falta de forças causadas pela pratica, como retratado na figura 5, os jovens começavam a ficar debilitados fisicamente, sendo assim, apesar do jovem não confirmar que era um praticante existiam indícios que ajudavam os médicos a identifica-lo.

Figura 5. Representação das alterações que provocam a masturbação em um jovem de 17 anos



Fonte: "Livro sem nome", Paris, 1890. Onanismo. El funesto placer solitario. In: Medicina Universitaria 2009;11(42):74-83

Como forma de evitar a propagação da masturbação, além da busca por tratamentos os médicos começaram a disseminar punições para os jovens, validando como uma forma de tratamento.

²⁸ PIMENTA, Tânia Salgado. **Médicos e cirurgiões nas primeiras décadas do século XIX no Brasil.** Almanack, Guarulhos, n. 22, p. 88-119, ago. 2019.

Existiam diversos instrumentos que serviam como auxilio de penitência para os jovens, como descrito na *Enciclopédia Universal Paumape*.

Antigamente, a masturbação era interdita e severamente reprimida. O zoopsicólogo inglês D. Morris (1928) lembra em seu livro *O Casal Nu* os castigos em que incorriam outrora as crianças e os adolescentes que tinham a infelicidade de se masturbar. “O jovem delinquente masculino trazia um anel de prata enfiado em orifícios feitos no prepúcio. (...) Na puberdade, os jovens dos dois sexos tinham às vezes de dormir com as mãos amarradas juntas ou presas às guardas das camas”. (SD, p. 502).

Essas ferramentas foram muito utilizadas nas sociedades europeias, no início do século XV até o século XIX, sendo este o momento em que a religiosidade estava mais fortalecida nessa região e a concepção da masturbação enquanto um pecado que deveria ser impellido se introduz na sociedade. Como exemplo, irrompe a produção de instrumentos punitivos, como a construção dos modelos anti-masturbadores masculinos (figura 6),²⁹ que normalmente eram utilizados pelos jovens ao dormir, “quando em sonhos me masturbava, acordando começava a sentir um mal interior, que me causava grandes agonias.” (p. 27), representando que o ato poderia ocorrer inconscientemente e precisava ser prevenido.

Figura 6: Dispositivo anti-masturbação



Fonte: Sex Machines Museum, Praga.

No Brasil, existiram fábricas de fundas (aparelhos cirúrgicos para conter o avanço de hérnias) que ofereciam fundas preservativas contra o onanismo.³⁰ Lê-se um anúncio em que um hábil ortopedista que fazia aparelhos para corrigir quaisquer deformidades em pessoas

²⁹ Figura disponível no site <https://sexmachinesmuseum.com/gb/>. Acesso em: 18 de mar de 2020.

³⁰ Jornal do comercio, edição 24. Quarta-feira, 31 de julho de 1850. Número 208, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_04&pasta=ano%20185&pesq=%22fabrica%20de%20fundas%22&pagfis=940. Acesso em 31 out 2020.

menores de 15 anos, sem que fossem necessárias intervenções cirúrgicas. Entre os aparelhos divulgados estão pernas mecânicas, muletas, cintas hypogastricas para senhoras doentes do útero, pessarios para pessoas achacadas de hemorroidas e “chapas para corrigir nas crianças de ambos os sexos o vício do onanismo”. O fabricante anunciava ainda que, caso a pessoa deforme estivesse longe da cidade, bastava enviar-lhe um molde de barro ou madeira, do membro defeituoso, em que se tomasse o cuidado de tomar exatamente todas as dimensões.³¹

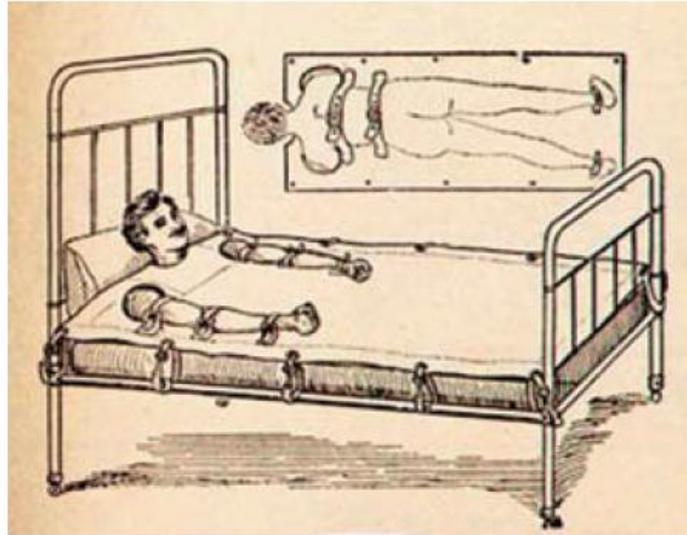
No relato que abre o capítulo deste trabalho, o jovem citado se reporta a um instrumento, quem sabe o mais estranho ao leitor de hoje: “Muitos fatos destes, que me foram comunicados, me sugeriram a ideia de mandar fazer um estojo de ouro ou prata por um ourives de Paris, em cuja casa se acham para todas as idades, furado em que se introduz o membro viril. Este estojo, que é fácil fixar sem risco de cair durante o sono, deve ser forrado por dentro de pele ou linho fino: os meninos devem traze-lo de dia e de noite.”. (p. 27).

O momento do sono era considerado a oportunidade propícia para a prática, visto que, eles estariam sozinhos nos quartos e como apresentado no início, acreditava-se que a solidão incitava os prazeres carnisais, além de, segundo os relatos médicos alguns jovens serem incumbidos através dos sonhos a praticar tal ato. Os médicos apresentavam uma visão sobre o sono, em que, “homens e mulheres se utilizavam do fantasma, cena imaginária, lembrança erótica ou qualquer outro suporte da imaginação, livros, fotos, vídeos” (BRENOT, 1998, p. 88). Logo, o inconsciente das pessoas estava sujeito a despertar os desejos do sexo e fazer com que a masturbação apresentasse muitas formas de ocorrer, mantendo um difícil controle.

Como forma de controle de tal ato criaram-se outros instrumentos utilizados durante o sono, como demonstra a figura 7, “Os médicos, por seu turno, aconselham que se evite o calor e a maciez da cama; proscvem a manta e um exagero de cobertas, e fixam a postura do sono.” (CORBIN, 1991, p. 454). Logo, o sono dos jovens passou a ser vigiado pela sociedade, a família e a igreja, buscando prevenir propensos masturbadores.

³¹Jornal do Commercio. Quarta-feira, 28 de fevereiro de 1849. Número 89, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_03&pasta=ano%20184&pesq=onanismo&pagfis=13620. Acesso em: 30 out 2020. Este material é detentor do direito autoral, patrimonial e moral, com base nos incisos do art. 7º da Lei n. 9.279 de 1996 (LPI) e artigo 5º, inciso XXIX, da Constituição de 1988. Uso indevido está sujeito a indenizações. Para reproduzi-lo entre em contato com dapress@dabr.com.br ou pelos telefones +55 61 3214-1582/3214-1584/3214-1568

Figura 7: Cama com correntes para manter as mãos separadas do corpo.



Fonte: Onanismo. El funesto placer solitario. In: Medicina Universitaria 2009;11(42):74-83

As punições eram as mais variadas e deveriam ser atribuídas primeiramente a educação e a família, para depois os médicos e os religiosos manterem o controle sobre a situação, aconselhando os jovens e, reproduzindo os tratamentos previstos. Os instrumentos punitivos utilizados pela medicina buscavam acabar com os desejos obscenos presentes na mentalidade dos masturbadores, pensando nessas características, medidas foram tomadas, como o cuidado com as camas quentes e confortáveis que poderiam ser propícias para aumentar as aspirações dos jovens, além dos pais controlarem as leituras consideradas de lazer, pois os livros com cenas eróticas poderiam fortalecer o imaginário, além do constante vigiar presente nos seminários e nas escolas.

As medidas de controle aos corpos eram as mais diversas, como exemplo, os médicos norte-americanos Griffith e Mitcheel, apresentam outras formas de controlar o sono dos jovens,

Em casos maus, sobretudo se o ato ocorre durante o sono, é preciso empregar algum instrumento que, mecanicamente, torne a fricção impossível. É possível colocar um pequeno travesseiro entre as coxas, aplicando-se uma atadura à sua volta; os joelhos podem ser conservados separados por uma corda que termina em cada extremidade por um colar de couro apertado em torno da coxa, exatamente acima do joelho (...) quando as mãos são empregadas, pode ser necessário prendê-las, encanando-se os cotovelos, ou por outras formas. (GRIFFITH; MITCHEEL, 1938, p. 872).

Essas precauções estavam descritas nos tratados médicos, buscando auxiliar os pais e responsáveis pelos jovens a manter o domínio sobre suas ações, evitando que se masturbassem.

O combate a masturbação era uma forma de disciplinar o corpo e manter controle sobre as ações individuais dos humanos, através dessas relações que o Estado com o apoio do Cristianismo e da medicina conseguia manter controle sobre a população e regular seus comportamentos. O objetivo não era exatamente reprimir a satisfação sexual sentida pelos praticantes, mas que a mesma ocorresse de acordo com as normas vigentes, o homem no controle da relação, a mulher como reprodutora, os meninos jovens sobre o controle dos seminários e as meninas criadas para satisfazer seu marido e manter seu casamento.

3.1 INTERVENÇÕES MÉDICAS

“Vê aproximar-se a morte a passos gigantescos.”
(Jacques-Louis Doussin Dubreuil)

Dubreuil em suas *Cartas* apresenta um tratado médico sobre a masturbação, relatando de forma completa seus estudos sobre essa doença, além de descrever a visão de outros médicos renomados sobre os problemas que os jovens praticantes poderiam sofrer,

Celso, famigerado médico, assevera que os mancebos que usam masturbar-se, tornam-se pálidos, effeminados, pesados, preguiçosos, covardes, estúpidos, e até imbecis.

Tissot, celebre médico de Lausanne, (...) certifica ter visto dois moços, que não podiam atribuir senão a este infeliz defeito, o estado desesperado em que ele os achou. (p. 37 – 38).

A medicina se torna a frente de combate contra a masturbação, e seus médicos começam a desenvolver tratados e textos que expliquem as possíveis causas para praticar tal ato, além de sintomas, tratamentos e curas que auxiliem a sociedade a passar por esse período de “demência.”

A medicina é utilizada como uma ferramenta para o controle dos corpos individuais, e os diversos tratados escritos pelos médicos para regulamentar, e em determinado momento “curar” a masturbação, ajudou na ampliação desse controle. Esses tratados não eram

utilizados exclusivamente pelos médicos, mas também pelos religiosos, pelos pais, educadores e até mesmo pelos próprios praticantes do ato,

Oitavo extracto

Tenho 38 anos. Na idade de 14, no momento em que se desenvolvia meu temperamento, contrai o infeliz hábito da masturbação. Instruído, seis meses depois de me haver dado a ele, pelo excelentíssimo Tratado de Tissot suspendi aquela infame prática; minha saúde porém estava já muito arruinada. (p. 21).

Como relatado nas *Cartas*, os tratados produzidos pelos médicos poderiam ser acessados por pessoas fora da classe médica.

Partindo das análises relatadas pelos médicos, observamos que, a inserção dos jovens a este hábito danoso normalmente estava ligada com os contatos e as amizades da juventude. O Dr. Caufeynon apresenta em sua obra *L'Onanisme chez l'homme* que uma das causas principais para a introdução da prática era o conhecimento adquirido a partir do convívio com os outros, como descrito,

Onde quer que exista uma aglomeração de homens jovens e vigorosos, colocados por qualquer circunstância na impossibilidade de satisfazer a si mesmos, o onanismo aparece com todas as suas variedades. Garotos isolados em navios, soldados em campo, prisioneiros, detidos em condenados, em penitenciárias; todos se entregam ao onanismo. (1902. p. 15-16).³²

Essa mesma análise é reafirmada nos relatos reunidos por Dubreuil,

Terceiro Extracto

Dei-me a masturbação desde a idade de 14 até á de 18, época em que segui a profissão militar. (p.13)

Quinto Extracto

Conservei-me inocente até aos 11 anos, em que um camarada de colégio, onde eu estudava, me ensinou a destruir-me a mim mesmo. (p.16)

Segundo Facto

Foi de 14 anos que aprendi o segredo da masturbação, propriamente dita, entrando em uma grande escola, onde este vício era conhecido da quase totalidade dos alunos. Desde este fatal momento, até a idade de 21 anos, que presentemente conto, não cessei de ser escravo desta paixão. (p. 50).

Assim, a partir dos estudos médicos, vemos retratado que o convívio dos jovens e as conversas íntimas eram um vetor para a inserção da prática masturbatória. Pensando nisso, um

³² “Partout ou il y a agglomération d'hommes jeunes et vigoureux, mis par une circonstance quelconque dans l'impossibilité de se satisfaire, l'onanisme apparait avec toutes ses variétés. Mâtelots isolés sur les navires, soldats en campagne, prisonniers, détenus dans les bagnes, dans les pénitenciers; tous se livrent à l'onanisme.” Tradução livre da autora.

dos maiores locais de disseminação eram as escolas de internato, lugar onde, os jovens permaneciam durante a semana inteira, dormindo algumas vezes em quartos compartilhados. Essas características colaboravam para o compartilhamento de diversas informações, entre elas, assuntos sobre as relações sexuais, lembrando que tais conversas eram restritas, permanecendo em uma roda menor de moços.

Sobre a rotina das escolas em regime de internato, Jean-Claude Caron traça um ilustrativo panorama da França e Europa de fins do século XVIII a fins do século XIX:

Mas, em geral, a sexualidade dos alunos de colégios e liceus é antes de tudo uma questão de verbo, um verbo que permanece no mundo fechado de um pequeno círculo. Pois tudo que se relacione aos sentimentos ou à sexualidade é considerado suspeito pela administração e por um “corpo” docente que fingem ter diante de si apenas espíritos. Em geral, o corpo é considerado suspeito, herança do pensamento educativo medieval – assim como a segregação dos sexos –, como o demonstram a pouca higiene praticada, a quase ausência de exercícios físicos e a vigilância, mesmo na prisão, do comportamento sexual solitário dos alunos. Sobre a masturbação, o século XIX é educativo e continua amplamente regido pela obra do dr. Tissot consagrada ao Onanismo, publicada em 1760 e continuamente reeditada. Exerce-se uma vigilância discreta, mas real, sobre a “pureza dos costumes” dos alunos, entre os quais alguns são suspeitos de servir de espíões com esse objetivo. Entre os jesuítas, preferem-se os grupos de três alunos aos de dois, para os passeios ou as recreações. No outro extremo da escala social, Antoine Sylvère, dito Toinou, aluno de curso complementar em uma instituição mantida pelos frades, descreve a masturbação praticada em classe por alguns de seus colegas: “Preciosamente recolhido em uma caixa de graxa de sapatos ou de penas, o produto circulava para autenticar a indiscutível produtividade do produtor”.³³ Classicamente, os banheiros se prestam a práticas idênticas mas em duo. (CARON, 1996, p. 177).

Também aqui nota-se a preocupação com a influência que um estudante pudesse exercer sobre outro. A prática associada a elementos constitutivos de identidade. Conservar o sêmen, para expô-lo aos demais, como uma espécie de troféu, faz parte de um conjunto de brincadeiras próprias da idade, em vários lugares, tais como os campeonatos de ejaculação, para medir distâncias e outras.

No Brasil, um interessante estudo de Joaquim Tavares da Conceição revelou verdadeira cruzada médica contra a masturbação e à homossexualidade entre pensionistas de colégios internos na segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX. O autor analisou 25 teses médicas produzidas no Rio de Janeiro e Bahia que, além de preocupações específicas do campo da Medicina, apresentaram, segundo ele, grande variedade de temas sociais. (CONCEIÇÃO, 2015). A maior parte das teses analisadas pelo autor datam das décadas de 1840 e 1850.

³³ A citação contida no texto de Caron, encontra-se assim referenciada: A. Sylvère, *Toinou. Le cri d'un enfant auvergnat* (Plon, 1980), p. 269. (grifo no original). Encontra-se à página 192 do texto aqui utilizado.

Em uma das teses, citadas por Conceição, lê-se:

[...] somos forçados a dizer algumas palavras sobre a espantosa propagação do onanismo e da pederastia nos nossos estabelecimentos de educação. Estes vícios, tão funestos à saúde, à inteligência e à moralidade dos jovens, cada dia assumem proporções mais assustadoras no seio dos internatos; nenhum estabelecimento desse gênero existe na corte que não esteja mais ou menos contaminado, [...]. É verdade que o clima tropical, favorecendo a precocidade e a exaltação do senso genésico, explica a predileção pelas manobras secretas, tão generalizadas entre os jovens brasileiros, encerrados nos internatos onde lhes é vedado satisfazer naturalmente a necessidade genital; porém isto não justifica a incúria dos educadores, pelo contrário, deveria exaltar a sua solícitude e multiplicar os seus esforços para melhor combaterem o terrível inimigo [...] (MACHADO, 1875, p. 20, apud CONCEIÇÃO, 2015, p. 115).³⁴

O excerto expõe, de forma sintética, a visão médica sobre o onanismo, cujo olhar hipocrático-galenico, atribui ao clima (quente) a exaltação de humores que levariam à prática, bem como a preocupação apresentada no texto de Jean-Claude Caron, sobre a realidade europeia, de que os educadores faziam vistas grossas ao problema.

A medicina do período aqui abordado, considera-se, foi marcadamente hipocrática-galenica, ou seja, embasada em teorias do médico grego Hipócrates e do latino Galeno. As doenças eram resultado de alterações e más combinações dos humores, daí as sangrias e purgações constantes.³⁵ A aceitação da obra de Hipócrates ainda no século XIX é atestada pela reimpressão de seus textos, inclusive pela livraria de Sanz, responsável pela edição de *Estravios secretos...* Ao final da obra encontra-se um rol de obras disponíveis na Livraria, dentre as quais encontram-se “Las obras de Hipócrates mas selectas, traducidas al castellano e ilustradas por el doctor don Andres Piquer, médico de Cámara de S.M., segunda edicion, tres tomos en 4^o”. Andres Piquer foi figura central para se pensar a medicina espanhola do século XVIII. Filósofo (autor de uma *Lógica*) e médico dos reis Fernando VI e Carlos III, da dinastia Bourbon, foi um dos propagadores da obra de Hipócrates no período.³⁶

As teses fazem eco aos materiais produzidos na Europa. Na verdade, muitos dos manuais lidos pelos médicos, eram lá produzidos e traduzidos, ou escritos aqui, mas

³⁴ MACHADO, J. M. **Da educação física, intelectual e moral da mocidade no Rio de Janeiro da sua influência sobre a saúde**. Rio de Janeiro: Typographia de G. Leuzinger & Filhos, 1875. (apud CONCEIÇÃO, 2015).

³⁵ Sobre a questão dos humores, ver: ABREU, Jean. **Nos domínios do corpo: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2011.

³⁶ Ver: ESPINÓS, Jesús Angel. Andrés Piquer and the Neo-Hippocratic Teaching of Medicine in Eighteenth Century Spain. In: Research Project DGICYT (HUM-2006-13200), under the title ‘Estudios sobre el Corpus Hippocraticum y su influencia’ and with the direction of Ignacio Rodríguez Alfageme.

publicados em tipografias europeias. Em uma das teses estudadas por Conceição, o autor propõe “regras higiênicas”

As regras tendentes a prevenir os estragos e a disseminação do mal entre os frequentadores de uma pensão serão pouco mais ou menos as seguintes:

1º não admitir no seio da comunidade mancebo de costumes e hábitos suspeitos;

2º proibir aos alunos a conservação e a leitura de livros eróticos, as palestras levianas, e tudo que possa excitar para mal a sua imaginação ardente;

3º repartir convenientemente os dormitórios, de modo que haja completa separação de idades;

4º proibir uma comunicação muito livre entre os pensionistas e os alunos externos, quando os hajam de uma e outra classe;

5º prevenir o despertar precoce da sensualidade por meio de exercícios bem dirigidos, pela abolição de alimentos excitantes, etc.;

6º punir o culpado repreendendo-o asperamente, ou, segundo a gravidade do crime, expelindo-o do colégio;

7º medicá-lo se carecer dos socorros da arte. (ANDRADA, 1855, p. 30, apud CONCEIÇÃO, 2015, p. 117-118).³⁷

As regras contêm quase todas as precauções encontradas na obra *Cartas...* e nos demais manuais: aparecem aí as preocupações com jovens “suspeitos” – aqueles que podem introduzir outros no vício –, as leituras eróticas, alimentos excitantes, as punições etc.

Essa terrível doença, segundo os médicos, apresenta diversos males para o corpo humano (figura 8), afetando as funções intelectuais e físicas dos seus praticantes. Ao lesionar as funções mentais, os masturbadores tendem a exibir sinais de demência, prejudicando seu raciocínio e as decisões a serem tomadas, assim, se tornava nítido na sociedade a identificação dos praticantes, pois o próprio corpo manifestava sintomas que os delatavam.

Figura 8: Jovem afetado pelo hábito da masturbação.



Fonte: Sem Nome. Disponível em:

<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-livro->

³⁷ ANDRADA, masturbacao-1830.phtml

regras principais tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças físicas e intelectuais, segundo as quais se devem regular os nossos colégios. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp., 1855.. (apud CONCEIÇÃO, 2015).

Tissot, em seu tratado *L'onanisme*, apresenta um relato com base em suas pesquisas, descrevendo como as funções mentais eram prejudicadas,

Vou colocar sob seis cabeças os males dos quais os pacientes ingleses reclamam, começando pelos mais irritantes, os da alma

1º todas as faculdades intelectuais estão enfraquecidas, a memória é perdida, as idéias são obscurecidas, os pacientes às vezes até caem em demência leve; eles constantemente têm um tipo de ansiedade interior, uma ansiedade contínua, uma reprovação de sua consciência, tão ansiosa que muitas vezes derramam lágrimas. Eles são propensos a tonturas; todos os seus sentidos, mas principalmente a visão e a audição, enfraquecem; o sono deles, se eles conseguem dormir, é perturbado por sonhos irritantes. (TISSOT, 1905, p. 23).³⁸

semelhante a descrição reunida por Tissot, Dubreuil possui em suas cartas relatos que descrevem como a mente era afetada por tal prática,

Deploraí comigo minha triste situação, e a cegueira dos homens que se precipitam em horríveis desgraças! Minhas forças intelectuais estão debilitas no último ponto: meu espirito embotado acha-se absolutamente incapaz de encadear um raciocínio. Minha memória muito fraca, ou antes, perdida totalmente. (p. 45).

Com base nessas descrições a masturbação se torna uma doença causadora da demência, dessa forma, os jovens praticantes deveriam ser tratados imediatamente, em alguns casos submetidos a internação e cirurgias de correção do hábito. Tal conduta, favorecia o controle dos corpos.

O controle exercido pelos médicos é representado através da medicina social em que, “O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista.” (FOUCAULT, 1979, p. 80). Tal domínio refletia nas ações médicas em relação a forma como a masturbação era tratada, pois as ações dos masturbadores além de serem prejudiciais para si próprios, eram consideradas prejudiciais para o corpo social.

Os médicos trabalhavam tanto em favor da cura para o indivíduo, quanto, na cura social, no tratamento dos jovens infratores, pois acreditava-se que suas práticas seriam passadas através das gerações, fazendo com que os filhos nascessem doentes ou com genes

³⁸ “...je rangerai sous six chefs les maux dont se plaignent les malades anglais, en commençant par les plus fâcheux, ceux de l'âme

1º toutes les facultés intellectuelles s'affaiblissent, la mémoire se perd, les idées s'obscurcissent, les malades tombent même quelquefois dans une légère démence; ils ont sans cesse une espèce d'inquiétude intérieure, une angoisse continuelle, un reproche de leur conscience, si vif, qu'ils versent souvent des larmes. Ils sont sujets à des vertiges; tous leurs sens, mais surtout la vue et l'ouïe, s'affaiblissent; leur sommeil, s'ils peuvent dormir, est troublé par des rêves fâcheux.”. Tradução livre da autora.

para se tornarem futuros masturbadores, além de muitos nem conseguirem reproduzir pois suas funções eram prejudicadas. Estas características nos discursos médicos estavam ligadas muitas vezes a perda do sêmen pelos homens, pois acreditava-se que ele era a fonte vital do corpo e com a frequência da sua execução e perda, todas as funções corporais eram prejudicadas, debilitando o homem e conseqüentemente sua vivencia em sociedade, afetando sua vida social, seu trabalho e seu desenvolvimento.

Tissot, apresenta em seu *L'Onanisme* a importância do sêmen do homem,

Hipócrates acreditava que ele se separava de todo o corpo, mas principalmente da cabeça. A semente do homem vem, diz ele, de todos os modos de seu corpo, é a parte mais importante. O que prova é a fraqueza experimentada por quem a perde pela união carnal, por menor que seja a dose que perde. Existem veias e nervos que, de todas as partes do corpo, vai se render para os órgãos genitais. Quando estes são encontrados cheios e aquecidos, eles experimentam um prurido que, comunicando por todo o corpo, carrega uma impressão de calor e prazer, humores entram em uma espécie de fermentação que separa o que é mais precioso e mais balsâmico; e essa parte separado do resto, é transportado pelo cordão do espinho aos órgãos genitais. Galen adote essas idéias. Esse humor ele diz, é apenas a parte mais sutil de todas as outras; ela tem suas veias e nervos que a carregam todo o corpo para os testículos. Perdendo a semente, ele diz em outro lugar, perdemos ao mesmo tempo a mente vital. (TISSOT, 1905, p. 55).³⁹

tal descrição retrata que a perda do sêmen durante as relações para procriação não representavam um problema real, mas, no caso dos jovens que buscavam a satisfação pela masturbação, suas ações eram frequentes e conseqüentemente a perda de sêmen era maior em comparação com as relações sexuais dos casais. Além das obras e pesquisas médicas divulgarem que as funções corporais estavam todas interligadas, desse modo, a prática masturbatória consumia o corpo como um todo, atormentando as funções mentais e novamente sendo resultado da demência, assim, “ao perder o sêmen, o homem perde ao mesmo tempo o espírito vital”. (BRENOT, 1998, p. 32).

O sêmen masculino transforma a perspectiva médica em relação a masturbação, “Leeuwenhoek descobre, em 1677, o que ele chamou, no início, de animúnculos, e que hoje nada mais são que os espermatozoides, orgulho do sexo masculino.” (BRENOT, 1998, p. 32),

³⁹ “Hippocrate a cru qu'elle se séparait de tout le corps, mais surtout de la tête. La semence de l'homme vient, dit-il, de toutes les humeurs de son corps, elle en est la partie la plus importante. Ce qui le prouve, c'est la faible-se qu'éprouvent ceux qui en perdent par l'union charnelle, quelque petite que soit la dose qu'ils en perdent. Il y a des veines et des nerfs qui, de toutes les parties du corps, vont se rendre aux parties génitales. Quand celles-ci se trouvent remplies et échauffées, elles éprouvent un prurit qui, se communiquant dans tout le corps, y porte une impression de chaleur et de plaisir les humeurs entrent dans une espèce de fermentation qui en sépare ce qu'il y a de plus précieux et de plus balsamique; et cette partie, ainsi séparée du reste, est portée par la moelle de l'épine aux organes génitaux. Galien adopte ces idées. Cette humeur, dit-il, n'est que la partie la plus subtile de toutes les autres; elle a ses veines et ses nerfs qui la portent de tout le corps aux testicules. En perdant la semence, dit-il ailleurs, on perd en même temps l'esprit vital.” Tradução livre da autora.

nesse momento se confirma realmente que o homem é a fonte da vida e que “assegurava assim, somente para si mesmo, a descendência da humanidade”. (BRENOT, 1998, p. 33). Os médicos começam a ampliar seus debates sobre a masturbação e as formas de reprimir tal ato, afinal, o sêmen que era “desperdiçado” durante o ato representava a perda de descendentes humanos, com isso, além de considerar essa satisfação sexual como um ato prejudicial socialmente, os médicos descrevem o grau mais grave de transgressão, a perda do sêmen.

Na citação de Tissot e Dubreuil encontram-se inúmeras referências às teses dos humores. “Os alimentos ministrados ao corpo a bem de sua conservação, não sendo convenientemente digeridos, deixam de fornecer sucos restauradores, e só produzem humores viciados, que geram milhares de doenças, e passam a ser novo estimulante daquele vergonhoso vício.”. (p. 43). Em Dubreuil os humores maléficos são também resultado da alimentação. A obra *Catarro: causas, efeitos e remédios para combater esse humor*⁴⁰ indica que, para o médico, a questão dos humores é muito presente em suas visões de saúde e doenças.

Os relatos dos jovens masturbadores apresentam que além das funções mentais, outras atribuições de seus corpos foram prejudicadas, os relatos são os mais variados, como descreve as *Cartas* de Dubreuil,

Segundo Facto

Aos 16 anos senti dores nas costelas falsas, e grande dificuldade de respirar, que ainda hoje me mortifica. Grande inchação e tenção continua em todas as partes do corpo são suas consequências. (...) tenho ereções frequentes, e como continuas; urinas espessas, turvas e brancas. (p.50).

Terceiro Facto

Escreveu-me, entre outras, que sentia grandes dores nos testículos, a ponto que o direito tinha subido consideravelmente, com todos os sinais de inflamação: de mais, repuxamentos na pálpebra do olho esquerdo, suores excessivos todas as noites, dores agudas de cabeça, que se estendiam até o interior das orelhas, e mesmo da garganta, repuxamentos nas pernas, extraordinária fraqueza nos rins. (p. 54).

A masturbação era considerada doença grave, prejudicando os corpos dos seus praticantes, enfraquecendo diversas funções corporais e conseqüentemente afetando o meio social. A perda de sêmen, as dores no corpo, a indisposição em realizar atividades de trabalho, as constantes recaídas e todos os outros sintomas se tornaram preocupantes para os médicos que buscavam manter os corpos saudáveis, afinal, com tantas debilitações tornava-se penoso para

⁴⁰ Des Glaires, de leurs causes et de leurs effets, et des indications à remplir pour les combattre, 1799. Tradução livre da autora.

os homens trabalharem e manterem seu status social, afetando comportamento individual e público.

Pensando nessas características e na forma com que a masturbação segundo os médicos, poderia prejudicar os jovens, Dubreuil em sua *Carta IV*, escrita com base nas descrições dos praticantes, apresenta alguns aspectos que podem ser utilizados para encontrar dentro da sociedade os praticantes desse ato funesto, “de alegre que era, passou de repente a triste e melancólico; que perdeu o gosto que tinha ao estudo; que perdeu o apetite.” (p.71) Era divulgado entre os médicos, a Igreja e a família, algumas características dos jovens masturbadores, além da mudança de emoções apresentado por Dubreuil, existiam características físicas que denunciavam essas pessoas, a medicina julgava que indivíduos que eram muito magros, com palidez, (figura 5 e 8) que sentiam dores com frequência e perdiam a vontade de viver em sociedade e trabalhar, poderiam estar envolvidos na prática da masturbação, causando esses sintomas

A medicina apresenta que a masturbação poderia gerar outras doenças no corpo, como a neurastenia, “desde o século XIX, de quadros patológicos na história médica, cuja queixa central inclui a exaustão por mínimo esforço e a fadiga sem causa orgânica detectável. No ambiente novecentista, esse quadro foi a neurastenia.” (ZORZANELLI, 2009, p. 606), essa fadiga poderia revelar se o jovem era um praticante desse vício, visto que, “Masturbação e formas ilícitas de sexo constituíam dispêndio de força nervosa sem nenhum reinvestimento paralelo” (ZORZANELLI, 2009, p. 608). Essas características auxiliavam no diagnóstico apresentado pelos médicos, sendo motivo de suspeita, demonstrando que a neurastenia, uma doença relacionada aos nervos humanos, poderia ser um sinal para um masturbador.

Os médicos reuniram e desenvolveram tratamentos e ações que poderiam ajudar a minimizar os sintomas e eventualmente diminuir os efeitos dessa moléstia causado aos corpos. A primeira recomendação pelos doutores era cessar com a masturbação, abolir a prática de suas vidas, e só quando o indivíduo deixasse para trás tal prática é que ele estaria livre para iniciar o seu tratamento.

Os tratamentos mais comuns utilizados pelos médicos para auxiliar no combate a essa “doença”, eram compostos de uma dieta regulamentada, o uso de banhos e exercícios, além de modificar o ambiente do jovem, como, diminuir a duração do sono para que o indivíduo não seja levado a sonhos que possuam poluções eróticas, outra estratégia utilizada era a troca da cama macia e quente por uma dura, assim o desconforto causado não poderia ambientar a

satisfação dos prazeres, fazendo com que os garotos dormissem em posições incômodas. O Dr. Mello Moraes apresenta outra forma de reprimir as ações dos moços,

Em todo o caso deve-se afastar o doente das pessoas de outro sexo, das companhias que lhe são funestas. Fazer-se-há renunciar á leitura dos romances, á poesia, á musica sentimental, desviando dos sentidos e do pensamento tudo quanto puder despertar desejos eróticos. (1872, p. 378).

Essas são as primeiras formas de tratamento da doença, buscando como objetivo limitar o comportamento dos jovens, assim, antes de recorrer a remédios e cirurgias para o fim da masturbação, mudava-se inicialmente as formas de agir, e aumentando a vigilância sobre os meninos.

A sociedade e suas instituições de controle procuravam manter o domínio sobre os corpos da sua população e sobre as suas ações sexuais, lembrando que apesar de serem individuais poderiam afetar a população como um todo, no caso dos masturbadores, além da busca pelo tratamento e uma possível cura desse ato, instituiu-se uma opção normalizadora, sendo esse representado pela cerimônia do casamento, como apresentado no *Diccionario de Medicina Popular e das Sciencias Accessorias para uso das famílias*⁴¹,

O tratamento das polluções deve variar conforme as circunstancias em que se manifestam. Se sobrevem a individuos fortes, dotados de energia dos órgãos sexuaes, convem, em certos casos, regularizar a acção genital e dar-lhe pelo matrimônio uma direcção normal. O casamento é o melhor remédio das polluções. (CHERNOVIZ, 1890, p. 772).

Como o ato da masturbação procurava satisfazer os prazeres carnis, no caso dos jovens, um ato solitário, deveria ser substituído com a implantação das relações dentro do casamento, com isso, os desejos seriam saciados sem que o homem prejudicasse a si e a sociedade com um ato danoso.

Com isso, os tratamentos utilizados no combate a masturbação eram os mais variados, sendo definidos de acordo com o médico que estava em auxilio do jovem e de sua família, passando de intervenções punitivas de controle dos corpos à cirurgias corretivas. Todos esses atos demonstravam a forte luta social que existia contra esse hábito, servindo assim como domínio dos jovens e de suas funções, apresentando de um lado que ao praticar tal ato estariam cometendo pecado, enfrentando consequências religiosas e do outro, estariam prejudicando seus corpos e seu convívio dentro da sociedade, como descrito por Szasz,

⁴¹ Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/diccionario-de-medicina-popular-e-das-sciencias-access%C3%B3rias-para-uso-das-familias/>. Acesso em: 10 out 2019.

A invenção da hipótese da masturbação e de seus usos médicos e, principalmente, psiquiátricos, exemplifica o espírito de messianismo e imperialismo terapêuticos. Assim como o objetivo do missionário evangelizador é conquistar número cada vez maior de almas para o Cristianismo, o objetivo do médico evangelizador é conquistar um número cada vez maior de corpos para a Medicina. (1976, p. 240).

Logo, a procura pelos casos de praticantes da masturbação possuía um significado importante tanto para a religião, quanto, para a medicina. Afinal ambas eram utilizadas como instituição de domínio dentro da sociedade.

Os médicos acabaram por carregar um “penoso” trabalho, o de “lutar” contra a masturbação e todos os seus efeitos no corpo individual e no corpo social. A área da medicina acabou tendo como função a busca pelos masturbadores, o efeito que essa prática causava ao corpo, seus sintomas, e quais as formas de tratamento e prováveis curas para o que eles consideravam como uma “doença” nefasta.

Os relatos apresentados ao longo da pesquisa demonstram um número considerável de jovens que perderam suas vidas pela masturbação, ou, que conheceram outros jovens que morreram pelo mesmo motivo, ou ainda, tiveram sequelas que o acompanharam pelo resto da vida, tais descrições serviam como um fator apavorante para o leitor (do período de publicação das obras e na atualidade). Essas representações demonstravam que as consequências de praticar a masturbação poderiam ser mais graves do que o imaginado, que não era apenas uma satisfação carnal dos desejos, mas possuía um conjunto de significados e transformações.

Analisando o contato entre os médicos e os pacientes, relatamos anteriormente que a relação de proximidade entre os mesmos não representava uma grande porcentagem da população, possibilitando que os textos médicos auxiliassem nessa comunicação, sendo assim, o contato estabelecido era mais facilmente disseminado na sociedade através dos escritos médicos. Tal fator demonstra a importância que esses escritos possuíam, pois eram eles que atingiram a população em um primeiro plano, além de serem utilizados como um aspecto de poder, como, as obras escritas por Jacques-Louis Doussin Dubreuil com sua vasta abrangência de informações (relatos, exemplos de casos, sintomas, tratamento), que transmitia um conhecimento significativo para a população em sua totalidade (outros médicos, país, educadores, religiosos...)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os anos passaram, a tempestade abrandou, a masturbação, doravante, é um direito do cidadão, embora não seja ainda suficientemente aceita.

(BRANOT, 1998, p. 83)

O imaginário acerca das relações sexuais na sociedade foi influenciado principalmente pela medicina e pela religião, dentro dessas relações discutimos a masturbação e como ela se modifica na visão social. O ato da masturbação representa que o homem precisa de uma satisfação corporal dos seus desejos, e não apenas uma satisfação espiritual com a religião, esse debate auxiliou para a introdução da Igreja Católica (religião que estava mais presente nas fontes [trabalhadas nesta pesquisa] da Europa e do Brasil nos séculos XVIII e XIX) nos assuntos masturbatórios, afinal, a prática poderia se disseminar principalmente entre os jovens e com isso, a igreja perderia o controle da situação.

Como forma de controle social, estabelece-se o pecado do masturbador, uma inflação médica, religiosa e social que deviria ser tratada, curada e como consequência punida, tal controle demonstrava o poder submetido ao corpo, a vida e a população. Sendo assim, ter controle sobre as ações das pessoas também era deter o poder nas próprias mãos, ao controlar a vida privada conseguiriam controlar-se como consequência a vida coletiva, o social, e tudo o que estava envolta desta, a economia, a família, o trabalho e os costumes.

Compreendemos que o discurso sobre o ato da masturbação foi relatado por diversas áreas do conhecimento (a literatura, a medicina, religião, entre outras), cada uma trabalhando de acordo com as suas especificidades e atribuindo conceitos e percepções diferentes. Como exemplo, a literatura, observa os praticantes do ato por uma perspectiva emocional, descrevendo e buscando possíveis causas e efeitos que levam a tal prática, ao contrário, da medicina que apresenta um ponto de vista científico e racional sobre suas causas. Sendo possível, constatar que a temática foi exposta e estudada nos mais variados âmbitos, cada um apresentando a sua contribuição.

Esses discursos auxiliaram na compreensão da fonte, *As Cartas...*, observando que a obra não é escrita isoladamente, mas possui uma influência da religião e de outros autores

médicos, como Tissot. Ela foi utilizada como um guia normativo para os futuros médicos e religiosos identificarem os masturbadores e saberem como controlar essa “doença”, encontrando seus praticantes e possíveis curas para seus corpos e suas almas, além de servir como uma base de conhecimento comum para a sociedade, podendo de certa forma ser utilizada sem o auxílio presencial de médicos, pois o fator de força maior era, identificar os possíveis jovens que praticavam a masturbação, combatendo por fim esse vício fatal.

Ampliando o debate a partir dos escritos da obra de Jacques-Louis Doussin Dubreuil, conseguimos analisar a origem do termo onanismo e como ele se modificou com o passar dos anos, sendo denominado como masturbação. A partir desse ponto, foi apresentado quais as especificidades de gênero identificadas nas práticas, observando que a diferenciação das normais sociais, religiosas e médicas em relação ao homem e a mulher podem ser analisadas através de seus posicionamentos de poder e controle, dentro da esfera social e dos papéis que desempenham.

O discurso em relação a masturbação está ligado ao domínio dos corpos, por parte da medicina e da religião, em que ambos se correlacionaram durante os séculos XVIII e XIX para a construção e reafirmação de dogmas e normas que regulamentavam o indivíduo dentro do espaço privado e do social. Norteados, os comportamentos praticados por esses sujeitos e destacando que suas ações por mais que ocorressem dentro do quarto afetavam a comunidade em que essa pessoa estava inserida, pois considerava-se que eles prejudicavam o corpo físico e o corpo social. A masturbação se torna assim uma “doença” para os médicos e um pecado para os religiosos.

As obras de Dubreuil nos guiam para um caminho exploratório acerca da masturbação e dos seus jovens praticantes, porém, apesar da análise realizada, cabe expor que as possibilidades de trabalho são amplas, poderíamos incrementar questionamentos referentes as perspectivas médicas Europa-Brasil, observando ainda como esses textos, que trabalham uma temática que era regulada pelo pudor social, foram recebidos pela população. Como conclui Figueiredo, “São vários os caminhos de análise que se apresentam: história cultural da ciência, mediação cultural entre conhecimento acadêmico e conhecimento popular, difusão do conhecimento médico, os leitores e as formas de leitura dos manuais. O caminho está aberto” (2005, p.72 – 73), dessa forma, essa pesquisa se encerra possibilitando que novos pesquisadores e trabalhos surjam em seu seguimento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de medicina popular e das sciencias accessorios para uso das familias**, contendo a descripção das Causas, symptomas e tratamento das moléstias; as receitas para cada molestia; As plantas medicinaes e as alimenticias; As aguas mineraes do Brazil, de Portugal e de outros paizes; e muitos conhecimentos uteis (v.2). Paris: A.Roger & F. Chernoviz, 1890.

DR. CAUFEYNON, **L'Onanisme chez l'homme**, vol. 3 of Bibliothèque populaire des connaissances medicales. Paris: Nouvelle Librairie Médicale, 1902

DUBREUIL, Jacques-Louis Doussin. **Carta sobre os perigos do onanismo e conselhos sobre o tratamento das doenças** resultantes. IIIth ed., Revised, corr. e aumentar *Chateauroux, do imp. de Migné*, 1825, in-12.

DUBREUIL, Jacques-Louis Doussin. **Estravios secretos, el Onanismo em las personas del Bello Sexo**. Tradução: Don Carlos Delgado. Madrid: Imprensa de Don Pedro Sanz, 1831.

GRIFFITH, Crozer; MITCHELL, Graeme, **The Diseases of Infants and Children**, 2º ed, 1938

MORAES, Dr. Mello. **Diccionario de Medicina e Therapeutica Homoeopathica**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1872.

TISSOT. **L'Onanisme**. Paris, Garnier Freres, Libraires-Éditeurs, 1905.

Bibliografias

ABREU, Jean. **Nos domínios do corpo** – o saber médico luso-brasileiro no século XVIII. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2011.

ANDRÉS-GALLEGO, José. **História da gente pouco importante: América e Europa até 1789**. Lisboa, Portugal: Editorial Estampa, 1993.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. – 8 ed. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução: João Ferreira de Almeida. São Paulo: King's Cross Publicações, 2006.

BRENOT, Philippe. **Elogio da masturbação**; tradução de Lidia Amaral. Rio de Janeiro: Record – Rosa dos Tempos, 1998.

CARNEIRO, Henrique S. **A igreja, a medicina e o amor**: prédicas moralistas na época moderno em Portugal e no Brasil. São Paulo: Xamã, 2000.

CARON, Jean-Claude. Os jovens na escola: alunos de colégios e liceus na França e na Europa (fim do séc. XVIII – fim do séc. XIX). In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. **História dos jovens**. Volume 2: A época contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CLARK, Stuart. **Pensando com demônios**: a idéia de bruxaria no início da Europa Moderna. São Paulo: EDUSP, 2006.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. (2015). 'Vícios execráveis': campanha médica de combate à masturbação e à homossexualidade entre os pensionistas de colégios-internatos (1845-1927). **Revista Brasileira De História Da Educação**, 15(2[38]), 111 - 132. Recuperado de <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38926>. Acesso em: 24 de abr de 2020.

CORBIN, Alain. **O segredo do indivíduo**, in: História da vida privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Org. Michelle Perrot; São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

DRIEL, Mels Van. **With the hands: A Cultural History of Masturbation**. London: Reaktion Books Ltd, 1954.

DUARTE, L. F. D.; JABOR, J. M. J.; GOMES, E. L.; LUNA, N. Família, reprodução e ethos religioso: subjetivismo e naturalismo como valores estruturantes. Em: DUARTE, L.F.D.; HEILBORN, M.L.; BARROS, M.L.; PEIXOTO, C. (org.). **Família e religião**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006.

DUBY, Georges. **As Damas do século XII**. Tradução Paulo Neves e Maria Lúcia Machado. – 1ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ENGEL, Magali. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. Os manuais de medicina e a circulação do saber no século XIX no Brasil: mediação entre o saber acadêmico e o saber popular. **Educar**. Curitiba, n. 25, p. 59-73, 2005. Editora UFPR. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602005000100005&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 04 de nov 2020.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976); tradução Maria Galvão. – 2ed.- São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

GÉLIS, Jacques. **O corpo, a Igreja e o Sagrado**, in: História do corpo: Da Renascença às luzes. Direção de Alain Corbin. 5. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GOULEMOT, Jean-Marie. **Esses livros que se lêem com uma só mão**: leitura e leitores de livros pornográficos no século XVIII. São Paulo: Discurso Editorial, 2000. Tradução de: Maria Aparecida Côrrea.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Sexo e discurso em Freud e Lacan**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1988.

KRAEMER, Heinrich; SPRENGER, James. **Malleus maleficarum**. Tradução de Paulo Fróes. – 28ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2017

LE GOFF, Jacques. **Uma História do corpo na Idade Média**; Tradução de Marcos Flamínio Peres. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MATTHEWS-GRIECO. **Corpo e sexualidade na Europa do Antigo Regime**, in: História do corpo: Da Renascença às luzes. Direção de Alain Corbin. 5. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012

PEIXOTO, Paulo Matos. (org.) **Enciclopedia Universal Paumape**. São Paulo: Editora Paumape, vol.1, “Abraão”. S.D.

PEREIRA, Patricia Cristine. **Educação Sexual familiar e religiosidade nas concepções sobre masturbação de jovens evangélicos**. 2014. 151 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2014. Disponível em: < <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/115803>>

PERROT, Michele. **História dos quartos**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

PRIORE, Mary del. **Histórias da gente Brasileira: volume 1: colônia**. Rio de Janeiro: Editora LeYa, 2016.

SZASZ, Thomas S. **A fabricação da loucura: um estudo comparativo entre a Inquisição e o movimento de Saúde Mental**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

ZORZANELLI, Rafaela Teixeira. **A fadiga e seus transtornos: condições de possibilidade, ascensão e queda da neurastenia novecentista**. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.16, n.3, jul.-set. 2009, p.605-620.

Bibliografias literárias

HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. São Paulo: Globo, 1996.

NASSAR, Raduan. **Lavoura Arcaica**. -3ed.- São Paulo: Companhia das Letras, 1989.